

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

CABRAL, Manoel Rezende de Matos. *Manoel Rezende de Matos Cabral (depoimento, 2012)*. Rio de Janeiro - RJ - Brasil. 2013. 46 pg.

**MANOEL REZENDE DE MATOS CABRAL
(NELINHO)
(depoimento, 2012)**

Rio de Janeiro
2013

Transcrição

Nome do Entrevistado: Manoel Rezende de Matos Cabral (Nelinho)

Local da entrevista: Nova Lima – Minas Gerais - Brasil

Data da entrevista: 16 de agosto de 2012

Nome do projeto: Futebol, Memória e Patrimônio: Projeto de constituição de um acervo de entrevistas em História Oral

Entrevistadores: Bernardo Buarque de Hollanda e José Paulo Florenzano

Transcrição: Fernanda Antunes

Data da transcrição: 1 de outubro de 2012

Conferência da Transcrição: Thomas Dreux

Data da Conferência: 14 de novembro de 2012

** O texto abaixo reproduz na íntegra a entrevista concedida por Manoel Rezende de Matos Cabral (Nelinho) em 16/08/2012. As partes destacadas em vermelho correspondem aos trechos excluídos da edição disponibilizada no portal CPDOC. A consulta à gravação integral da entrevista pode ser feita na sala de consulta do CPDOC.

Bernardo Buarque – Nelinho, muito obrigado por nos receber em sua casa, boa tarde. Nós queríamos começar, que você falasse um pouquinho das suas lembranças de infância, que você contasse desse período inicial, da sua família, falasse um pouquinho dos seus pais.

Manoel Cabral – Bom, meus pais são portugueses. Meu pai já é falecido, minha mãe tem noventa e dois anos. Em casa somos um casal, eu e uma irmã mais nova, e desde pequeno, o presente que mais me emocionava, que eu mais gostava de receber, era a bola. Eu lembro muito bem, quando tinha a festa de Cosme e Damião lá no Rio, que a festa, na época, era muito bem frequentada, todas as crianças esperavam por esse dia, então era: -“Ali está dando”. Saía correndo não sei o que, queria saber onde estava dando bola. Davam umas bolas de borracha pequenininhas que a gente jogava, quando chutava muito na parede elas rasgavam rapidinho. Poxa, ficava louco para ganhar uma bola. Então, desde pequeno eu já ia para a rua para jogar bola, e ficava o dia inteiro jogando bola. Eu ir para a escola era um sacrifício. Eu ia e eu ficava pensando lá nos meus amigos e na rua, tanto que eu tive muita dificuldade no aprendizado, porque eu era muito disperso dentro da escola, e eu consegui chegar só até o segundo ginásial, no

Transcrição

colégio Pedro II, colégio federal que tem no Rio de Janeiro, e encerrei minha carreira ali, de estudante. E minha mãe sempre me chamando a atenção, chamando a atenção e eu só queria jogar bola. Falou assim: -“Olha, você não quer estudar não, vai trabalhar”. Arrumou um emprego para mim de *office boy* no centro do Rio de Janeiro. Aí, um belo dia... Nisso aí quando ela arrumou esse emprego, eu já tinha quinze anos, e aí eu já tinha jogado na escolinha, no “dente de leite” de Olaria... E do Olaria eu já tinha ido, não... Aí eu encerrei... eu estava no Olaria ainda, nessa época, quando eu já estava trabalhando de *office boy*, veio um amigo meu, que tinha jogado comigo no Olaria, lá do Morro do Alemão, famoso, falou: -“Nelinho, o pessoal lá do América, eu te indiquei lá, eles estão doidos para te levar para lá”. Eu falei assim: -“Ah, vamos ver se dá certo, vamos lá fazer um treino”. Eu fui. Eu matei o trabalho e fui lá fazer o teste, e passei. Fiquei lá uma semana treinando, e até que um dia o meu chefe ligou para a minha mãe. Falando -“Pô cadê o Nelinho? Nelinho sumiu!”. -“Como sumiu? Ele sai todo dia daqui com a marmita para ir trabalhar, e tudo”. Ele falou assim: - “Ele não está vindo não”. Quando eu cheguei em casa, minha mãe chegou junto. -“Por onde você anda, cara? Você no tem ido trabalhar!”. Eu digo: -“Ah, mãe, realmente eu estou faltando, porque eu fui fazer um teste no América e passei, então eu vou começar a minha carreira lá”. Ela ficou calada, deixou. Eu falei que, na época, eu ia ganhar mais do que como *office boy*. *Office boy*, na época, ganhava um salário mínimo de menor, que existia salário mínimo de menor, e eu ia ganhar o dobro jogando pelo América. Ai comecei a carreira. O América era um time, as categorias de base do América sempre disputavam entre os três primeiros. E na época, o grande time era o do Fluminense. Normalmente o Fluminense ganhava tudo, era infante-juvenil e juvenil. Porque depois tinha o aspirante, hoje é que tem juniores, e não tem aspirantes. Então eu comecei a jogar no América, sempre fazendo boa campanha, e aí chegou o Otto Glória, outro treinador do profissional, do América, e começou a pedir menino do juvenil para completar, para treinar lá, e eu comecei a chegar e arrebentar. E nisso eu já tinha passado pela lateral-esquerda, pelo lateral-direito e meio de campo. Aí ele me botou para jogar no meio de campo, eu fiz uma partida no profissional e fui bem, mas aí um ex-preparador físico do América foi contratado por um time de Portugal para ser treinador. Então ele iniciou a carreira como treinador. E chegando lá, ele viu as deficiências do time e me indicou. E aí os caras: -“Será que esse cara joga bola mesmo?”. [Inaudível (05:10)] Fernandes é o nome dele, falou assim: -“É

Transcrição

muito simples, vocês ligam para lá, vocês falem com o Otto Glória”. O Otto Glória tinha sido treinador da seleção Portuguesa, o cara super reverenciado lá em Portugal, com muita credibilidade. Eles falaram com o Otto, na hora o Otto falou: -“Não, pode levar de olhos fechados, pode ir, pode levar”. Ele veio, falou comigo se eu queria ir, eu digo: -“Eu vou”. Não era muita coisa não, na época não tinha esse êxodo de jogadores para o exterior, era novidade, tanto que eu fui ganhando pouco mais do que eu ganhava no América. Chegando lá, tive muitas dificuldades de adaptação, um futebol diferente, e os caras queriam que marcasse muito. E eu tive uma outra dificuldade, que foi a pior delas. É que, na época, os times lá se dopavam muito, eles não tinham exame antidoping, não tinha esse controle, e eu não tinha esse costume, eu não fazia isso. Então, eu entrava para jogar, os caras corriam três vezes mais do que eu. Acabava o jogo, os caras: - “Pô, Nelinho...”. – “Pô, gente, porra eu não consigo, os caras estão correndo demais”. E eu, inocente, não sabia de nada. Aí um dia, rapaz, nós fizemos um jogo pela Taça da UEFA, nós perdemos, fomos desclassificados lá na antiga Iugoslávia, contra o Dínamo de Zagreb¹. E aí nós voltamos e fomos direto para jogar contra o Porto, e no estádio das Antas, uma maravilha. Quando eu vi aquilo ali eu disse: -”Nossa, como nós vamos jogar ali?!”. Cheguei de uma viagem, e nós chegamos lá de trem. Todo mundo cansado. Eu sei que eu entrei, joguei para caramba, corri, rapaz! Eu chutava prego, os caras vinham, botavam a sola, eu chutava, chutei baliza... Eu falei porra... Quando terminou o jogo, todo mundo veio me dar os parabéns: - “Hoje sim, Nelinho, hoje você jogou bem, hoje você correu para caramba, marcou, apoiou”. Eu sei que chegou depois do jogo, eu não dormia não. Eu fiquei excitado demais, não conseguia dormir. No dia seguinte, tinha um uruguaio lá, Campora², e outro brasileiro, o Farias, um negão lá de Pernambuco, aí eu conversando com eles, éramos melhores amigos: - Eu digo “Cara, eu não consegui dormir ontem, rapaz! Está difícil demais!”. Aí eles viraram para mim e falaram: - “Vem cá, você tomou ontem aquela laranjada, que os caras serviram lá dentro?” Eu digo: - “Tomei”. - “Ah, por isso, cara!”. - “Por quê?”. - “Aquilo está batizado, aquilo está cheio de bolinha, cara. Os caras tomam para correr mesmo”. Aí eu falei: - “Porra, nunca mais tomo desse negócio, não bebo mais nada

¹ Atual Croácia.

² Refere-se a Henrique Raul Câmpora do Carmo, jogador uruguaio que atuou no futebol português, brasileiro e uruguaio.

Transcrição

dento do vestiário”. Eles dopavam, mesmo sem você querer. E o Campora era um jogador uruguaio que gostava, e ele estava acostumado. Ele falou - “Nelinho, se você não gosta, não vai não porque é ruim. Eu já estou em fim de carreira, só jogo dopado mesmo. Mas você...”. Conclusão: aí depois disso eu tive uma distensão, não pude continuar jogando, e eles achavam que eu estava fazendo corpo mole, porque exatamente nessa época mandaram embora o treinador brasileiro. E aí, naquele negócio, eu cheguei em julho, dia trinta de julho, assim, e quando deu fevereiro, início de carnaval, e os caras começaram a me ameaçar de que iam me botar para servir o Exército de Portugal, e eu tinha servido o Exército aqui no Brasil. Mas aquilo não era possível, mas eu, na minha inocência, fiquei apavorado com aquilo. Falei: - “O quê? Véspera de carnaval, eu apaixonado por carnaval, digo: - “Vou embora”. Me deu uma louca, rapaz, eu saí do meu apartamento, fui lá no clube, eles estava, reunidos, a diretoria toda, eu invadi a reunião, falei: - “Eu quero meu passaporte agora, eu quero viajar amanhã. Vou embora, não fico mais aqui nem um minuto!”. Eles me deram tudo, me deram a passagem, eu vim embora, fiquei com o passe preso lá. Então eu encerrei minha carreira. Eu tinha vinte anos, carreira encerrada. Voltei para o Brasil, num belo dia, o presidente do clube, do Barreirense³: - “Vem para o Brasil”. Por quê? Porque, quando terminou o campeonato, o meu time, que era o Barreirense, ficou na antepenúltima colocação, e na penúltima e última os dois desciam. E o time que ficou na penúltima colocação entrou com um processo na federação alegando que os jogos que eu tinha jogado, o Barreirense tinha que perder os pontos, porque eu não era luso-brasileiro. E eu era. E aí eles tiveram que vir aqui para pedir uma declaração dos meus pais para comprovar que eu era filho de pais portugueses. Quando ele veio para pedir essa declaração, eu digo, é a hora! Falei: - “Só dou a declaração se vocês me derem o passe, senão não dou não”. Aí eles já vieram com o passe prontinho, cara. Com o documento, está aqui o passe, eu assinei, foi a salvação. Mas aí já tinha passado um tempo, voltei para a rua, nessas alturas a rua que eu morava, que era toda de terra, ficou asfaltada, mas a gente jogava bola nessa rua. Marcava o gol de pedra, pequenininho, e era a farra lá não é? E eu adulto lá, já jogando, tinha chute a gol, botava baliza lá na rua. E um belo dia eu estou lá treinando, estou lá jogando a minha “pelada”, e passa o Jonas.

³ F.C. Barreirense, clube de futebol português da cidade de Barreiro, próximo à Lisboa. Atualmente disputa a III Divisão série E.

Transcrição

O Jonas é o goleiro que tinha jogado no Bonsucesso, e que jogou no América, na época que eu estava no América. Falou: - “Pô, Nelinho, o que você anda fazendo?”. Eu digo: - “Ah, nada, cara. Mas estou com o passe livre”. - ”Ah, não, vou arrumar um... Você topa jogar no Bonsucesso?”. Eu digo: - “Claro, pô!”. Isso era 1972, no primeiro semestre. Ele foi lá no Bonsucesso, o treinador era o Amaro⁴, e conversando com o Amaro, falou de mim, o Amaro: - “Não, traz ele aqui para ele treinar”. O campeonato estava parado, o Campeonato Carioca, não sei, acho que era negócio de Seleção, e ia voltar no meio do ano. E aí eu fui lá fazer um treino, arrebentei. Falou assim: - “Pode assinar o contrato lá, você vai jogar o final do Campeonato Carioca com a gente”. Joguei todas as partidas, foram mais umas oito partidas, e o time do Bonsucesso era por turnos, e naquele turno nós fomos jogar o último jogo contra o Vasco da Gama, que era do Tostão, foi o último ano que o Tostão jogou, eu acho, foi em 1972. Se a gente ganhasse do Vasco, a gente classificava para o quadrangular final, e aí nós perdemos, de um a zero. Acho que foi até gol do Tostão, de falta, uma coisa assim. E aí terminou o campeonato, quando terminou o campeonato, eu tinha feito um jogo contra o Botafogo, eu tinha jogado muito bem, tinha feito gol de falta, e os caras, quando terminou o campeonato, entraram em contato comigo, o Botafogo, querendo que eu me apresentasse lá para disputar o Campeonato Brasileiro por eles. Só que nesse jogo conta o Botafogo, eu levei um chute no calcanhar que doeu demais cara. Quando eu cheguei no vestiário, que eu tirei a chuteira, tinha um talho de uns cinco centímetros, tudo aberto. Eu levei um monte de pontos, eu não podia pisar no chão, e aí eu falei para eles: - “Olha, eu tenho muita vontade de jogar aí no Botafogo, mas agora eu estou desse jeito, não tem como...”. - “Nós queremos é de imediato, então não serve não”. Perdi essa chance. Continuei lá sem clube. Veio uma proposta, depois que eu me curei, chegou uma proposta do Remo⁵ (PA). Campeonato em andamento, e eu fui contratado para ter um coringa, jogar em qualquer posição lá. O treinador era João Avelino⁶. Ele já morreu, ele foi assistente do Oswaldo Brandão... minto, do Rubens Minelli, quando o Rubens Minelli veio treinar o Atlético – que eu jogava no Atlético – ele era auxiliar. Eu ficava na reserva, entrava um jogo, outro não entrava. As últimas três partidas do campeonato, a partida era contra o

⁴ Amaro Viana Barbosa, ex-volante do América (RJ), Portuguesa e Corinthians.

⁵ Clube do Remo.

⁶ João Avelino, ex-técnico conhecido como 71.

Transcrição

Fluminense, uma quarta-feira... Não, era um sábado à noite, contra o Fluminense. Contra o Fluminense, o “Aranha⁷” - um lateral-direito, depois veio jogar no Atlético - ele machucou no primeiro tempo. Quando nós entramos no vestiário, o treinador falou assim: - “Quem vai jogar de lateral -direito?”. Aí o pessoal que jogava no Remo, que era o pessoal que tinha jogado no Bonsucesso comigo, que era o Dutra, era o Silva... Tinha uns quatro jogadores lá que tinham sido do Bonsucesso. - “Não, Nelinho joga, põe ele aí que ele joga!”. - “Que isso, esse cara... Coringa, não joga bem em lugar nenhum. Vou botar ele não!”. - “Mas só tem ele cara”. - “Então põe”. Me colocaram no fogo. Eu arrebentei com o jogo, no meio tempo. O Lula⁸ não fez nada, joguei para caramba. Veio o penúltimo jogo, contra o Atlético -MG. Eu entrei, fui bater um *corner*, a defesa do Atlético tirou, eu estava no meio de campo, eu, Dario⁹ e mais um jogador. Eu peguei ela de primeira, rolando, meti lá na “gaveta”, aí o juiz anulou dando impedimento do jogador nosso, estava caído na bandeirinha de *corner*, coisa de doido. O Dario, que sempre foi doido, ele falou para o árbitro: - “Você está doido! Você anular um gol desses, o que você viu nisso? Um gol maravilhoso desses!”. Ele falando para o juiz. O jogo termina, aí tinha o Bibi, que era filho do Didi, que jogava no meio de campo do Atlético, falou: - “Pô, Nelinho – que eu conhecia ele do Fluminense - O que você anda fazendo?”. Eu digo: - “Ah, rapaz, agora o passe é meu, estou aqui...”. - “Não, vou te levar para o Atlético”. E o treinador era o “Telê¹⁰”. Falei: - “Pô, beleza, então me indica lá que eu quero ir para lá”. Aí veio o último jogo contra o Cruzeiro. Esse jogo foi engraçado o seguinte - depois eu fiquei sabendo, quando eu cheguei no Cruzeiro me contaram essa história -, que quando eles estavam lá, na véspera do jogo, o treinador, conversando com os jornalistas, aqueles caras, por exemplo, torcedor do Paysandu¹¹ (PA) que não gostam do Remo, eles gostam de entregar o ouro, falar o que o time tem de ruim... E eles falavam de mim, falavam: - “O jogo vocês tem ganho em cima do lateral-direito, ele não é lateral-direito, ele entrou agora no time, tem que jogar ali”. E eles puseram isso na cabeça. E quem era o ponta-esquerda na época do Cruzeiro era o

⁷ Antonio Aranha Alves, ex-lateral direito do São Bento, Atlético Mineiro, Sport, Comercial de Campo Grande e Remo.

⁸ Refere-se a Lula, Luís Ribeiro Pinto Neto, ponta-esquerda do Internacional, e do Fluminense, trabalhou como técnico na Arábia Saudita até 2002 e voltou para o Brasil.

⁹ Dario José dos Santos “Dada Maravilha” ex-centroavante do Atlético-MG.

¹⁰ Telê Santana.

¹¹ Paysandu Sport Club.

Transcrição

Lima¹², um paulista. O cara era muito... jogava mais fazendo o homem de terceiro de campo, não era driblador, não era de partir para cima. O que eles fizeram? Tiraram o Lima e puseram o Rinaldo, um goiano, que era veloz e partia para cima e driblava muito. Aí começa o jogo, os caras vieram para cima de mim, eu estava inspirado demais nesse dia. O cara vinha para cima de mim, eu tomava a bola, ameaçava dar um chutão, eles davam o “bote”, eu jogava debaixo das pernas, saía jogando, e comecei... Quando chegou no meio tempo – isso eles já me contando, o pessoal do Cruzeiro, depois que eu fui contratado – eles foram para o vestiário. Quando chegaram no vestiário, Dirceu Lopes, Zé Carlos, Roberto Batata, o “Palhinha”, aí os caras comentando: - “Pô, você viu aquele lateral-direito? O que é isso, rapaz?! Não vou em cima dele não, o cara só quer dar “caneta”, só quer dar “lençol”, não vou não, ele é habilidoso demais”. Os caras ficaram com medo de mim. E nesse jogo eu apoiei para caramba, dei chute de fora da área, fiz de tudo. O jogo terminou dois a dois, e aí o cara estava vendo o jogo, o diretor Furletti, Carlos Furletti, quando viu falou: - “Esse lateral aí...”. Aí o jornalista falou: - “Esse lateral, ele é carioca, o passe é dele. Ele está livre a partir de agora, acabou o campeonato, ele está livre”. - “Então dá um recado para ele para ele se apresentar no Cruzeiro no dia nove de janeiro que está contratado”. Aí me deram a notícia, só que o campeonato continuou, com os finalistas, e o Cruzeiro era um deles, e o Cruzeiro foi jogar no Rio, não sei contra quem. Aí eu liguei para o Amaro, que tinha sido meu treinador no Bonsucesso, falei: - “Amaro, está acontecendo isso e isso, eu gostaria que você fosse lá no hotel do Cruzeiro e conversasse com a diretoria deles para confirmar se isso é verdade mesmo, se é para eu me apresentar mesmo”. E ele foi, me deu retorno confirmando tudo, é para apresentar mesmo. E aí, meu amigo, eu fumava... Fumava pouco. Parei de fumar na hora, nunca mais fumei, até hoje isso, e eu fui para o Rio. Eu sou da zona norte, de Olaria, mas eu comecei a ir para a zona sul, na praia, na Lagoa, e comecei a correr todos os dias, treinando, treinando, para me apresentar dia nove. Aí me apresentei no dia nove, fizemos o contrato, e eu já comecei a treinar e arrebentar no treino, e o titular absoluto, que era xodó da torcida – não porque jogava bem, era o único que dava pancada no time do Cruzeiro, que era o Pedro Paulo¹³, lateral-direito, um negão. E aí eu lembro que, quando eu entrei para jogar, no início a torcida ficou

¹² Eduardo Teixeira Lima, o Lima, ex-ponta esquerda do Cruzeiro e Corinthians.

¹³ Também atuou pelo Cruzeiro.

Transcrição

meio assim: “Pô vai barrar o Pedro Paulo?!”. Só que eu cheguei já metendo gol de fora da área, batendo falta. O que batia falta era o Lima, ponta-esquerda, eu já tomei a posição, fui lá, me impus, falei: - “Não, deixa que eu bato”. Eu comecei a fazer gol. E aí me tornei o titular, isso em 1973. Quer dizer, final de 1972 eu estava no Remo, em 1973 eu estava no Cruzeiro, quer dizer, eu era reserva do Remo. Terminou o ano de 1973, veio a convocação para a Copa do Mundo de 74, eu fui convocado entre os quarenta, e no início da preparação, no Rio de Janeiro, o Carlos Alberto Torres se contundiu, foi cortado. E eu fui convocado para o lugar dele. Então, isso aí é um exemplo que eu costumo dar para os jogadores que às vezes desanimam, que um ano atrás eu era reserva do Remo. Um ano depois eu estava em uma Copa do Mundo. Então isso aí exemplifica bem o que é o futebol. Às vezes você joga muito, não tem oportunidade, às vezes você tem oportunidade, não sabe aproveitar. Então, no meu caso, aconteceu tudo na hora certa. E aí eu com o Cruzeiro, jogando, time, porra, Dirceu Lopes – o Tostão¹⁴ já tinha saído – Zé Carlos, Piazza¹⁵, o Raul no gol, “Palhinha¹⁶”, Joãozinho veio logo em seguida, o Eduardo “rabo de vaca”, que depois foi jogar no Corinthians... Era um timaço, cara. E aí, o que aconteceu? O Cruzeiro, eles ficaram meio na bronca comigo, o pessoal do meio de campo, porque o Pedro Paulo não apoiava, ele só marcava. Era ele de um lado e Vanderlei do outro. Então, meio de campo praticamente só marcava o meio e pegava a bola, saía para o ataque. E quando eu cheguei, eu pegava e passava, e aí eles tinham que me cobrir. Eles já não estavam gostando, e começaram a reclamar com o treinador, só que, quando eles foram reclamar com o treinador, um deles, que eu lembro, foi o Zezé Moreira, que falou assim para o Piazza: - “Piazza, fica na tua. Tu tem que cobrir ele mesmo, porque ele, com a bola nos pés, quando ele ataca, ele faz mais do que você, então por quê ele vai ficar aqui atrás e você vai apoiar? Então você fica, marca para ele, deixa ele ir”. O Piazza sempre foi muito profissional, um cara muito tranquilo, humilde, e depois eu já tinha feito muita amizade com ele, ele não se importou mais não, ele falava: - “Pode ir, Nelinho, pode ir”. Aí eu ia, e começou a dar certo. Eu peguei moral...

¹⁴ Eduardo Gonçalves de Andrade, “Tostão”, ex-meia do Cruzeiro, Vasco e Seleção brasileira.

¹⁵ Wilson Piazza, ex-volante do Cruzeiro e da Seleção brasileira.

¹⁶ Vanderlei Eustáquio de Oliveira, o Palhinha, ex-atacante do Cruzeiro, Corinthians e Atlético-MG.

Transcrição

B. B. – Isso fazia parte do seu estilo, ou isso foi uma coisa que você desde...

M. C. – Desde pequeno. Eu era ponta- direita, depois meio de campo, então eu gostava de jogar, eu gostava de dar passe, eu gostava de tabelar, de chutar para o gol. De marcar eu não gostava, só que eu tinha fama de que não marcava nada, e um dia, em uma decisão contra o Atlético, o nosso treinador Ilton Chaves falou: - “Nelinho, hoje eu não quero que você passe do meio de campo”. Falei: - “É uma ordem! Acabou, meu amigo, se você não quer, eu não passo”. - “Porque o Dario, ele gosta muito... O Romeu¹⁷, ele volta para marcar, e se você for apoiar, quem cai nas suas costas é o Dario, ele faz a jogada sempre daquele lado, ele é muito rápido”. Eu falei: - “Tudo bem, deixa comigo. É para marcar, eu vou marcar”. Fiquei lá, marquei noventa minutos, os caras não deram um cruzamento, e nós ganhamos o jogo de um a zero. Depois, eu comentei com a imprensa, gostava de falar, eu digo: - “Está aí a prova que vocês falam que eu não sei marcar. Cara, destruir é muito mais fácil do que construir. Marcar, se eu quiser marcar eu vou marcar. Se eu tenho condição física, qual é a dificuldade de marcar? Você vai correr atrás do cara, vai chegar junto, não deixa ele dominar, não deixa ele virar, dá 'carrinho', faz não sei o quê, falta, e aí?”. Depois disso até aliviaram um pouco, não ficaram mais falando, como quem diz: - “Pô, realmente o cara... Pô deixa ele, ele sabe jogar assim”. E o time começou a ganhar títulos e títulos, e Libertadores, e a coisa foi andando.

B. B. – Nelinho, você lembrou da Copa de 1974... Foi o momento que a Holanda apareceu para o mundo justamente com o sistema tático em que a mobilidade era uma estratégia importante, quer dizer, não havia mais a posição fixa. Isso te influenciou, ou já era uma marca do seu estilo?

M. C. – Já era uma marca. Eu já era assim, tanto que o Zezé Moreira¹⁸ foi o treinador que melhor soube me aproveitar. Jogos difíceis no Campeonato Brasileiro, que

¹⁷ Romeu Evangelista, o Romeu Cambalhota, folclórico ponta-esquerda do Atlético Mineiro e do Corinthians nos anos 1970.

¹⁸ Alfredo Moreira Júnior, o ex-médio Zezé de passagens por Flamengo, Botafogo-RJ, América-RJ e Palmeiras e também ex-treinador Zezé Moreira, passando por Botafogo, Fluminense, Vasco, Cruzeiro, e outros grandes clubes do Brasil.

Transcrição

nós fomos para a final, contra o Vasco um ano e depois contra o Internacional, no ano seguinte. Jogos difíceis, cara. Chegava no final, ele tirava o jogador do meio de campo, eu ia para o meio de campo, depois ele botava um lateral. E normalmente eu ia para o meio de campo e fazia uma jogada de gol. E a gente decidiu os jogos ali comigo. O último jogo contra o internacional, que nós perdemos de um a zero, eu fui para o meio de campo, eu ia lá na defesa, pegava a bola do beque, vinha com ela driblando, tabelando, ia lá no gol, chutava. Eu dei um trabalho para o Manga¹⁹ naquele dia. Modéstia à parte, aquele dia eu joguei muito. Então, eu tinha essa facilidade. O time da Holanda, a novidade é que, no meu caso, eu era um só que fazia isso, que às vezes entrava em diagonal... O time deles todo rodava. Esse jogo contra a Holanda, eu não troquei de roupa, eu fui para a arquibancada assistir o jogo. Que não trocava de roupa todo mundo, era só quatro jogadores mais o goleiro, que trocavam de roupa. E eu lembro que uma hora a Holanda estava atacando, eles trocando passe do lado esquerdo, o lateral-direito passou, os caras da esquerda meteram a bola, viraram o jogo, na hora que viraram o jogo, que o lateral dominou e foi para a linha de fundo o Cruyff, estava no meio de campo, saiu andando, foi lá para a lateral direita, eu chamei a atenção dos companheiros que estavam lá comigo, digo: - “Olha lá, olha ó cara que é consciencioso, o cara que é profissional, ele vira... Não precisou ninguém falar nada, ele saiu andando na lateral, como quem diz: “Eu estou fora de jogada, vou ser o lateral porque o lateral está atacando. Está lá fazendo o que eu deveria estar fazendo, é o lateral que está fazendo”. Então foi lá. Não tinha essa de você não pode apoiar. Todo mundo apoiava, o quarto-zagueiro, beque central, lateral-esquerdo, era uma confusão. Mas era bonito de ver, era bonito. Aquilo dali para mim foi a última mudança radical no futebol mundial. De lá para cá nunca vi nada de novidade, a não ser, agora, esse Barcelona e a Espanha, que trocam muito de passe, dificilmente batem *corner* dentro da área, eles tocam para trás e armam de novo. Já vi *corner* do Barcelona, que eles bateram o *corner* para o cara, o cara deu para o meio, o cara deu lá para o goleiro deles, começou tudo de novo. Eles não encontraram brecha para entrar na defesa adversária, foram lá atrás e voltaram. Hoje em dia, é a única coisa que tem de diferente aí no mundo é o Barcelona e a Espanha, mais nada, o resto é a mesma coisa.

¹⁹ Aílton Corrêa Arruda, o Manga, ex-goleiro do Botafogo (RJ), Sport Clube do Recife, Grêmio, Internacional, Operário (MS), Coritiba, Nacional-URU, Barcelona-EQU e da Seleção Brasileira.

Transcrição

B. B – Com relação à Copa de 1974, o fato de você ter visto das arquibancadas, teve algum fato que chamou mais a atenção, ou que você aproveitou justamente para incorporar no seu modo de jogo? Que lembrança você tem da ida à Copa como experiência, em 1974?

M. C. – Olha, o que eu trouxe de experiência, eu e o Piazza, nós trouxemos até para o Cruzeiro, foi a marcação, que eles não deixavam sair jogando, os times europeus, e essa movimentação do time Holandês. Eu me lembro muito bem que nós, quando chegamos no Cruzeiro, nos primeiros treinamentos coletivos, eu e Piazza, a gente ficava comandando o time: “Sai, sai, todo mundo, marca, pega...”. O time reserva ficava doido. O ponta-esquerda, quando treinava o ponta-esquerda reserva, falava: - “Porra, o que é isso, cara? A gente não consegue nem pegar na bola!”. Aí nós começamos a colocar isso dentro dos jogos, do Campeonato Mineiro, e eu comecei a movimentar. Eu saía do lateral-direito com a bola dominada, cruzava a área na lateral esquerda, no meio de campo, tudo isso nós começamos a fazer. Só que a mentalidade do jogador brasileiro ainda não estava preparada para isso. Comecei a fazer, o Piazza começou a fazer, aí tinha mais um ou outro fazendo, de repente, você sentia que os cara falavam assim: - “Pô, que confusão é essa?!”. Os caras não movimentavam, sabe? Não aderiram à ideia. Foi passando, quando nós assustamos, estávamos jogando da mesma maneira, antiga, não tinha nada de novidade. Era sempre dependendo da parte técnica do Dirceu Lopes, do “Palhinha”, essas coisas assim do futebol brasileiro. O conjunto... O conjunto principalmente, fica sempre em segundo plano, o jogador pensa primeiro nele. Como é que ele vai aparecer, o que ele vai fazer para se beneficiar da estrutura da coisa, mas ele não está pensando no coletivo não, pensa mais nele. Eu já ouvi, várias vezes, infelizmente – claro que era uma minoria, nunca se tornou a maioria – jogadores, principalmente os atacantes, jogador que termina o jogo, tu perde de cinco a três, ele fez três gols, ele está satisfeito. Ele fala assim: - “O meu, eu fiz”. Ele não está preocupado com o time, se o time ganhou, ele está preocupado com ele. Ele foi bem, e no dia seguinte ele vai receber nota grande, nota alta porque ele jogou bem, fez três gols, isso para ele basta, entendeu? Quando você, às vezes, vê jogador que faz assim: “O que adianta? Fiz três gols, amanhã sou melhor, mas meu time perdeu! Eu preferia não ter

Transcrição

feito gol nenhum e o time ter ganho”. Essa é outra mentalidade. Eu vi muito disso no futebol. Então, você querer implantar um tipo de jogo como o da Holanda aqui era realmente muito difícil.

J. F. – Nelinho, mas qual era a mentalidade do Zagallo em 1974? Por que há uma imagem de que o Zagallo é defensivo. Você acha que isso teve alguma influência no teu desempenho em 1974?

M. C. – Nenhuma, isso é a maior balela, isso é mentira, de que o Zagallo era retranqueiro. Esse negócio do Zagallo ser retranqueiro, primeiro começou eu acho que começou lá atrás, quando ele era um ponta- esquerda, que ele atacava pouco, chegava pouco na linha de fundo. Ele marcava mais do que atacava, mas também atacava, chegou a fazer gol em Copa do Mundo, na Suécia. Ele, como treinador... O que eu sempre falo, às vezes os caras querem inventar muito, não tem muito o que inventar não. O futebol é o seguinte: você tem que aproveitar os jogadores que você tem em mãos. Você tem que adaptar a maneira do time jogar àquilo. Então, se você tem um time que, do meio para frente ataca para caramba, você tem que deixar eles atacarem, por exemplo: “Ah, mas não volta para marcar”. Mas não precisa voltar para marcar. Isso aí, cara, é que não tem treinador peitudo, porque, se vocês repararem, no futebol se você ataca com quatro jogadores, cinco jogadores, perdeu a bola, se três jogadores ficarem fora de jogada lá, eu duvido – é só reparar – que o time adversário não vá ficar com menos de quatro jogadores. Isso é a mania do futebol brasileiro. É o seguinte: eu deixei três lá, aí três marcam os três e um fica na sobra. Eles só jogam assim. Se fica só o centroavante lá, quando perde a bola, fica o beque central e o quarto zagueiro marcando ele. Aí você trás os dois laterais para cima do seu time. Quer dizer, meu time voltou, mas os laterais também vieram. Então, por que tem que volta todo mundo para marcar? Não precisa rapaz, você sempre vai ter um jogador a mais. É difícil. Aí você pega o time do Barcelona hoje faz isso, pode reparar. O time está atacando, e quando ele recebe contra-ataque, é dois contra dois, três contra três, não fica um a mais, não tem sobra. Os caras vão e se garantem. É isso, cara, não precisa. E se ficarem três jogadores atrás, o Barcelona fica com três, se ficarem quatro, eles ficam com quatro. Eles não vão todo mundo, não sai. Eles não deixam ficar quatro contra dois, isso eles não fazem, mas

Transcrição

mano a mano eles fazem. Então isso ai acontece demais no futebol brasileiro e ninguém tem peito para fazer isso. O dia que alguém fizer e por acaso tomar um gol, vai ser mandado embora. Eles vão falar que ele é louco, o treinador é louco, como é que não deixa ninguém na sobra. É coisa de futebol, agora, não é só futebol brasileiro não. Tirando o Barcelona, que eu citei, normalmente os clubes jogam assim, no mundo inteiro. Então, como você perguntou da coisa, não vejo muita diferença não sabe? De aprendizado, dessas coisas de futebol, não vejo não. E eu sou tão cético quanto a isso, quando eu vou falar sobre isso, às vezes eu até me controlo um pouco, porque eu sei que eu estou indo contra tudo aquilo que se fala de futebol, tudo aquilo que se fala. Inclusive, tem uma máxima no futebol, que eu vejo os comentaristas falando. Eles falam muito aquele lance de 1982, que o Cerezo atravessou a bola para o Luizinho no meio da área, que o cara pegou a bola, o Paolo Rossi²⁰, que fez o gol: - “Ah, isso é coisa elementar, não se atravessa a bola assim da área”. Meu amigo, pega aí, para, veja todos os jogos que você quiser, quantas bolas são atravessadas ali na frente. Sabe quantas? Duzentas, no jogo. Aí um dia aconteceu: - “Não, não pode atravessar a bola na frente da área”. Pega o Barcelona, se eles passam a bola para lá e para cá toda hora! Pô pode, desde que você não erre. Agora errou, realmente... Não é que não possa fazer, você não pode é passar a bola e errar. Mas isso não precisa ser na frente da área não, você erra uma bola... Agora essa seleção amadora, o lateral – direito foi sair jogando, errou lá e os caras meteram o gol. Saiu lá da lateral- direita. Então, acontece, mas os caras cismam em falar isso. Outra coisa: goleiro. Ah, o goleiro, ele solta a bola, aí ele errou porque ele rebateu para frente. Não se rebate para a frente, se rebate para os lados. Mas quem falou para você que ele quis rebater para frente? Ele não rebateu para frente porque ele quis não cara, ele quis fazer a defesa jogando a bola para o lado, só que às vezes, dependendo do chute, ele não consegue, então eles culpam o goleiro, eles não dão o mérito para quem chutou, eles não falam da dificuldade que foi a bola. E outra coisa, qualquer chute que você dê de fora da área, é obrigação dos beques, da defesa, primeira coisa, chutou, corre para cima do goleiro. Ele tem que chegar na frente do atacante. Se der rebote, ele tem que proteger, ele tem que tirar aquela bola dali. Aí o atacante chega na frente. Eles não falam que o beque não marcou o rebote, eles falam que o goleiro

²⁰ Ex-atacante italiano, da Juventus (ITA) e da Seleção italiana.

Transcrição

errou. São as coisas no futebol que eu fico assistindo que me incomoda muito. Mas como eu gosto, eu sigo assistindo.

B. B. – Você, então, se firmou no Cruzeiro em 1973, em 1974 foi convocado para a Seleção Brasileira, e a relação com a Seleção continuou até a Copa de 1978? Você foi...

M. C. – Eu fui, nessa época o interessante...Eu tinha brigado com a imprensa mineira, eu não dava entrevista para ninguém, e aqui, na Rádio Itatiaia, era e continua sendo a mais famosa, a que tem mais força no futebol mineiro, e, na época, um comentarista, Osvaldo Faria, que é o que mandava na rádio, era o comentarista, e ele começou a pegar no meu pé, porque eu deixei de dar entrevista, e num dia ele encontrou comigo no hotel, e perguntou o que estava acontecendo, e eu desacatei ele, disse que um dos culpados era ele, porque ele ficava inventando notícia sobre mim, e fazendo onda, aí que ele ficou com raiva de mim. Começou a me perseguir, falando mal de mim todo jogo, aí eu fui convocado. Por quê? Porque eu dava entrevista para a Globo e não dava para ele, mas eu dava para a Globo, e aí? Aí o pessoal, o João Saldanha²¹ no Rio de Janeiro me adorava, fazia coluna falando de mim, no jornal O Globo. Tanto que a Rádio Itatiaia, fiquei sabendo depois, que eles foram, a imprensa mineira, nem sei se foi só a rádio Itatiaia, foram em cima da Globo para pedir para não me entrevistar, e a TV Globo falou: - “Não, nós vamos continuar, ele sempre nos tratou bem, sempre nos atendendo bem, nós vamos continuar. E eu fui convocado assim, sem falar com ninguém. Aí depois, quando eu voltei da Seleção, voltei a falar com eles, todos eles voltaram a me entrevistar, e eu continuei sendo convocado para a Seleção. Foi quando o Telê... Primeiro o Oswaldo Brandão assumiu, aí no primeiro jogo da Eliminatória eu ia jogar, mas eu tinha operado o joelho, estava em recuperação, não consegui recuperar direito, não joguei, aí o time empatou em Assunção, contra o Paraguai. Quando nós voltamos, ele caiu e entrou o Cláudio Coutinho. Isso foi antes, agora eu estou falando, foi antes de 1978. Foi o Cláudio Coutinho que me convocou quando o Zé Maria²² machucou, foi

²¹ João Alves Jobim Saldanha, jornalista brasileiro. Foi um marco no jornalismo brasileiro, principalmente com suas fantásticas histórias.

²² José Maria Rodrigues Alves, o Zé Maria. Ex-lateral direito do Corinthians e da Portuguesa.

Transcrição

cortado também o Zé Maria, aí eu entrei na vaga dele para disputar a Copa. Depois de 1978 veio o Telê. O Telê assumiu. A primeira convocação dele – foi o único treinador que fez isso – já convocou e já deu o time titular dele, e eu era o titular. Veio o primeiro jogo contra a Rússia²³, no Maracanã, a gente estava ganhando de um a zero, pênalti a nosso favor, o Zico perdeu. E o time perdendo gol, mas um monte, dava para meter uma goleada no primeiro tempo. Deu o segundo tempo, os caras dois *corners*. Um foi um *corner* o outro foi uma jogada, do meu lado. O *corner*, o cara bate um, me encobriu, eu estava no primeiro pau, me encobriu, um cara veio por trás de mim, entre eu e o Amaral²⁴, cabeceou, fez o primeiro gol. Nós perdemos esse jogo, dois a um, os caras sentaram o pau em mim e no Amaral. Veio o segundo jogo amistoso contra a Polônia, lá em São Paulo, eu entrei, o ponta-esquerda me deu uma canseira naquele dia, o cara jogava, era rápido demais, demais... Foi uma correria. As melhores jogadas do time deles foi pelo meu lado, e esse dia eu joguei abaixo da crítica. Então, depois dessa convocação, a convocação seguinte ele já não me convocou. Aí já convocou o Leandro²⁵, do Flamengo. Veio a Copa do Mundo, eu estava com esperança de ser convocado novamente, em 1982, veio o último jogo do Campeonato Mineiro, o Atlético já era campeão, Cruzeiro e Atlético, e Telê já estava no estádio para assistir o jogo. E depois do jogo ele ia fazer a convocação. Veio o jogo e logo com um minuto de jogo eu tive uma briga com o Éder²⁶. Corri atrás dele dentro do campo, aquela palhaçada toda lá, e me expulsaram. Aí saiu a convocação e eu não estava. Sempre me perguntam: “Será que foi por isso?”. Eu não acredito que o Telê faria isso, eu acho que eu não fui convocado pelo histórico meu mesmo, no momento que ele foi treinador. E o time do Cruzeiro, na época, estava muito ruim. Só tinha eu e acho que o Joãozinho²⁷, talvez o Eduardo. Era muito difícil jogar no Cruzeiro. O jogador, por melhor que ele seja, ele não consegue jogar se o time não for bom, se não tiver quem ajude. O cara sozinho não joga, não adianta. Igual você pegar o Neymar hoje, pega o Neymar e põe em um time, dá a bola para ele e manda ele resolver, driblar todo mundo. Quem que marca? Quem

²³ Então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

²⁴ João Justino Amaral dos Santos, o Amaral, ex-zagueiro do Guarani, Corinthians, Santos, América-MEX, Universidad Guadalajara-MEX e Seleção Brasileira.

²⁵ José Leandro Sousa Ferreira, o Leandro, ex-lateral direito do Flamengo.

²⁶ Éder Aleixo de Assis, o Éder, ex-ponta-esquerda do Grêmio, Atlético Mineiro, Palmeiras e Seleção Brasileira.

²⁷ João Soares de Almeida Filho, o Joãozinho, ponta-esquerda do Cruzeiro, de 1973 a 1986.

Transcrição

que sai para não levar gol? E se os caras do lado dele não sabem fazer uma tabela, não sabem enfiar uma bola, como é que ele vai jogar? Ele não consegue driblar todo mundo toda hora e fazer gol. Então isso aí foi o que me prejudicou. Eu acho que se eu tivesse em um mesmo time de antigamente do Cruzeiro, ou no time atual do Atlético, eu poderia ter sido convocado, que aí eu teria condições de me apresentar melhor. Mas ali foi... Eu encerei minha carreira na Seleção.

B. B. – Mas você pode lembrar um pouquinho mais da Copa, falar sobre a Copa de 1978? Antes dessa do Coutinho, antes de 1982, como foi?

M. C. – A do Coutinho, realmente, eu não tive participação nenhuma, não teve nada, mas 1978 tem muita história, viu. Tem muita coisa que é dita aí na imprensa e que me perguntam... Uma delas: o Peru entregou o jogo? Eu não acredito. Por que não acredito? Quando nós fomos jogar contra o Peru, na segunda fase da Copa do Mundo, era o primeiro jogo do Peru, eram três jogos. Era Peru, Polônia... Eu não sei a ordem.

B. B. – Peru, Argentina e Polônia.

M. C. – É, Peru, Argentina e Polônia. O primeiro jogo contra o Peru, o Brasil meteu três a zero. Era para ter ganho de seis, de sete... Porque não fez os gols, a bola batia na trave, não entrava. Os caras perdendo gol toda hora. Ou seja, o primeiro jogo, o Peru tinha chance, tomou de três do Brasil. Agora, vem o último jogo, contra a Argentina, o Peru desclassificado, a Argentina jogando lá dentro, naquele caldeirão, pô seis a zero é super normal, pô! Porque que entregaram o jogo? Eu não acredito. E os gols, por exemplo, eu vi. Eu não vi que o goleiro deixou a bola passar, se entra. Não foi, os caras fizeram os gols. Para mim não teve isso. O Brasil perdeu a classificação no jogo contra a Argentina. Aquele jogo foi zero a zero, a Argentina temia o Brasil, era o time que eles mais temiam era o Brasil. O Brasil entrou respeitando demais, com medo de levar o gol, e acabou não fazendo também. Não levou e nem fez. E isso aí é uma das... Foi a única vez que eu senti - que eu fiquei no banco - eu senti não ter jogado, e achei um erro do Cláudio Coutinho não ter me posto. Ele não levou em consideração o meu passado. O que significa dizer o meu passado? O meu passado dentro da Argentina, eu era lá muito mais respeitado do que aqui no Brasil. Os caras me adoravam

Transcrição

lá, e me respeitavam. Todos os jogos de Libertadores de Cruzeiro contra River Plate, Independiente, Boca Juniors, meti gol em todos os jogos aqui, e lá eu meti contra a seleção deles. Então eles tinham medo dos meus chutes, das faltas. Eu jogando, eles não iam dar pancada na frente da área. Quer dizer, os nossos atacantes teriam liberdade para dominar. Eles sabiam que se fizessem falta, eu ia bater. Acho que o Coutinho perdeu uma grande oportunidade de ter me escalado naquele dia. Ele não escalou. E o banco do Brasil... Naquele dia eu não me lembro dos três qual que ficou no banco, quer dizer, o Leão²⁸ agarrou e quem ficou eu não sei, se foi o Carlos²⁹, se foi o Valdir Peres, eu não lembro. Eu, Edinho, Zico e Rivelino. Era o banco. O Rivelino é porque ele estava machucado mesmo, então naquela Copa ele só entrou no último jogo, que nós ganhamos da Itália, de dois a um. O Zico acho que ele tinha machucado em um jogo lá, estava meio duvidoso, e o Edinho que entrou. Olha só, quando começou o jogo, o Rodrigues Neto, lateral- esquerdo, machucou. Eu falei assim: - “Vou entrar. Ele vai passar o Toninho, que já jogou de lateral- esquerdo, passa o Toninho³⁰ para lateral-esquerda, eu entro de lateral – direito. Vou entrar”. Aí coloca o Edinho de lateral – esquerdo pô! Eu falei: - “Então não vai me colocar nunca”. Aí eu acho, esse jogo... Outra coisa, nesse jogo... Antes eu tinha sentido uma fisgada, eu e Toninho Cerezo. Aí no dia do jogo, de manhã, nós tomamos café e fomos fazer o teste para ver se a gente passava, se a gente podia jogar. Fizeram o teste comigo, mandaram fazer vários exercícios. - “E aí, Nelinho, você sentiu?” - “Não, não senti nada.” - “Dá para jogar?” Digo: - “Tranquilo”. - “Você garante que não vai sentir?”. - “Isso eu não garanto. Vou chegar lá, eu não sei, posso sentir lá, posso sentir outra coisa, que não é nem nessa perna. Mas o teste que vocês fizeram, esse teste não é válido para vocês?” - “É”. - “Então tá, eu não senti nada”. Aí fizeram com o Toninho Cerezo. - “E aí, Toninho?”. - “Nada, estou bom”. O Toninho falou a mesma coisa que eu falei. Mas eles não queriam botar o Toninho, eles queriam uma maneira de barrar o Toninho, por quê? Eles achavam que era um jogo que os caras iam pegar, iam dar pancada, que tinha que ter os caras para segurar. O que eles fizeram? Barraram o Toninho no grito - no grito, porque o Toninho não queria sair não - e puseram o Chicão³¹ para jogar no lugar dele. Aí não deu

²⁸ Emerson Leão.

²⁹ Carlos Gallo.

³⁰ Toninho Cerezo.

³¹ Francisco Jesuíno Avanzi, o Chicão, ex-volante do São Paulo, Santos, Ponte Preta e Seleção Brasileira.

Transcrição

outra, Chicão chegou, deu pancada, mas aí cara, tinha que botar gente para jogar. O Chicão era um grande jogador, jogava bem, meu amigão. Mas o Toninho era mais jogador do que ele, tecnicamente. E o Toninho foi barrado na marra. Ele que deveria ter jogado, eu acho que ali o zero a zero que nos tirou da Copa. Veio o último jogo, nós ganhamos da Polônia de três a um, mas não foi o suficiente. Ali eu acho que era a chance nossa. Aí aconteceu tudo isso.

B. B. – Na volta, você continua no Cruzeiro até 1980?

M. C. – Não, fui até 1982. Início de 1982 que eu me transferi para o Atlético.

B. B. – Porque tem um período que você vai do Cruzeiro para o Grêmio...

M. C. – Isso é em 1980, quando eu tive uma discussão com um treinador, o Ilton Chaves, e o time naquela fase de transição, muito difícil para jogar, e nós discutimos. E quando nós discutimos, ele falou: - “Ou eu ou ele”, falou para a diretoria. Eu corri no presidente, Felício Brandi, fui lá na moagem que ele tinha, e falei: - “Presidente, aconteceu isso”. - “Já estou sabendo”. - “E ele falou que era ou eu ou ele, então que seja eu. Eu quero que o senhor me venda, me empreste, qualquer coisa, porque se o senhor mandar ele embora, eu não vou me sentir bem, porque vão dizer: ‘pô, o Nelinho derrubou o treinador’, então não vai pegar bem. Então eu gostaria que o senhor me emprestasse”. No dia seguinte: - “Oh Nelinho, o Grêmio apareceu aí para tu disputa o final do campeonato lá, gaúcho. Você aceita?”. Digo: - “Agora, estou indo”. E fui, cara. Nós fomos bicampeões. Eu joguei lá, na época o Juniores do Grêmio é que depois veio o ser o campeão do mundo. Era aquele time: Paulo Roberto, lateral-direito; Baidek³², era Leandro, quarto zagueiro, e Paulo César, lateral-esquerdo. Os quatro meninos da defesa eram do Juniores na época que eu cheguei lá. E eles não jogaram. O “China”, no meio de campo, jogou comigo. Bonamigo jogava. Tinha o Renato Sá – esse já era mais velho – Tarcísio, Baltazar, e Oldair. E o Paulo César..., não, Paulo César tinha ido embora, o Paulo Isidoro jogava no meio de campo, e o Vitor Hugo também. Era um timaço! Cheguei lá e joguei, como é que pode?! Eu estava no Cruzeiro, não estava

³² Jorge Baidek, "O Lenhador", zagueiro-central do Grêmio nos anos 1980.

Transcrição

jogando nada, aí cheguei no Grêmio joguei, pô? Não conhecia... Conhecia os caras de nome, mas não tinha entrosamento nenhum, cheguei lá joguei, por quê? Facilita quando tem um time armado. Eu fui lá, fiquei só o final do Campeonato Gaúcho, e voltei. Eu não lamento não, porque eu poderia lamentar: “pô, se eu tivesse ficado lá, eu teria sido campeão mundial, campeão da Libertadores”. Mas eu não lamento não, primeiro porque o lateral-direito que estava surgindo era o Paulo Roberto³³, que era muito bom, jovem. Eu ali já estava com trinta e dois anos, eu ia para trinta e três, então ia ser difícil eu ficar de titular com ele. Na minha volta, eu fiquei mais um ano, que é o ano de 1981, em 1982 fui para o Atlético, que eu arrumei uma briga que foi Yustrich³⁴, voltando do Cruzeiro, ele que tinha nos dirigido em uma Libertadores, em 1977. Nós perdemos a Libertadores nos pênaltis, lá em Montevideu, para o Boca Juniors, aí veio o campeonato nacional, nós fomos jogar contra o Remo, eu perdi o vô. Peguei um outro vô, cheguei lá no sábado meia-noite, uma hora da manhã, e fui jogar no domingo, e o pontaesquerda do Remo era o Uri Geller, o Júlio César do Flamengo. O cara me entrou de tudo quanto foi jeito, estava morto dentro de campo, nós tomamos de quatro a zero. Quando nós tomamos de quatro a zero, nós voltamos, ele foi mandado embora, e ele achou que eu fiz corpo mole. E quando ele foi mandado embora, ele saiu dizendo que quem tinha derrubado ele tinha sido eu, Raul e o Joãozinho. E que eu era maconheiro, que Joãozinho era beberão, e que não sei o quê, e falou mal de nós três. O tempo passou, ele foi chamado para dirigir. Depois eu descobri que, quando ele foi chamado para dirigir o Cruzeiro, ele foi chamado propositadamente, porque eles já entendiam, por me conhecerem, que eu não aceitaria trabalhar com ele, e que seria a maneira deles se libertarem de me venderem e a torcida não ficar chateada com eles. E aí... na época ele falou que eu era laranja podre ainda, a frase ficou gravada na minha cabeça. Quando ele voltou, teve a apresentação dele, os jogadores todos, os trinta jogadores sentados no gramado, em círculo, e ele foi no meio do círculo e começou a fazer a apresentação, e os repórteres todos em volta, e eu olhando aquilo ali. Terminou a apresentação, ele mandou todo mundo levantar, e eu estava lá sentado assim, ele saiu aqui e começou a

³³ Paulo Roberto Curtis Costa, o Paulo Roberto, ex-lateral-direito do Grêmio, São Paulo, Santos, Vasco da Gama, Botafogo, Cruzeiro, Corinthians, Fluminense, Cerro Porteño e Canoas (RS).

³⁴ Dorival Knippel, ex-jogador e treinador de futebol. O apelido de Yustrich ganhou quando ainda jogava no Flamengo na década de 1930, dado a sua semelhança com o goleiro do Boca Jrs Juan Elias Yustrich. Yustrich desde essa época tinha a fama de temperamental. No Rio ainda jogou no Vasco onde encerrou a sua carreira de jogador.

Transcrição

cumprimentar um por um. De acordo que ele ia andando e cumprimentando os jogadores, eu ia rodando junto. Quando ele chegou onde ele começou, eu cheguei no lugar que eu estava, aí eu fiquei de lado de novo. Quer dizer, eu não dei a mão para ele, não cumprimentei, todo mundo percebeu, e depois disso, ele falou assim: -“E agora, todos vocês lá dentro do vestiário. Eu quero uma reunião só eu e vocês”. Eu fiquei lá, os caras foram andando, eu fui ficando para trás, fui ficando, o diretor viu: - “Nelinho, vamos lá”. O cara é meu amigão, o diretor, eu falei: - “Eu sou muito seu amigo, mas essa eu não vou não. Eu não jogo mais no Cruzeiro não. Pode encerrar minha carreira, eu com esse cara eu não jogo. O que ele falou de mim quando ele saiu daqui, não aceito jogar com ele”. Eles também não se importaram muito não, deixaram, fiquei lá encostado, ele começou a dirigir lá, aí o Atlético fez a proposta. Inacreditável, nunca tinha acontecido de um jogador do Cruzeiro sair diretamente vendido para o Atlético. Acontecia isso, mas o jogador saía, jogava em outros clubes, depois vinha para o rival. Conversaram, os dirigentes dos dois clubes, por fim veio o dirigente do Cruzeiro, falou assim: - “Nelinho, é isso, isso e isso, mas a gente só faz negócio – acho que era de dez vezes que eles iam pagar – você tem que abrir mão dos 15%, abrir mão daquilo, abrir mão de não sei o quê...”. Digo: - “Abro mão de tudo. Não quero um tostão de vocês. Eu vou embora”. Pô, jogar em um time com Cerezo, Reinaldo, Marcelo, Paulo Isidoro, Éder ah... Ali, meu filho, era o time que eu digo... Isso aconteceu, de uma certa forma, agora com o Ronaldinho³⁵, saiu tão criticado... Eu vou para o Atlético, vou ter que jogar lá. Então saí do Cruzeiro, que era pior ainda: - “Porra, vou ter que jogar no Atlético, porque os caras vão me cobrar que eu faça tudo agora em favor do Atlético, que eu fiz contra o Atlético”. Então aquilo foi minha maior motivação, além de ter os craques do meu lado lá. Já cheguei lá titular. Eu lembro que o primeiro ano foram oitenta partidas, eu joguei setenta e nove. Só não joguei uma porque eles me proibiram de viajar para fazer um amistoso em Montes Claros. Eles não deixaram eu ir. Joguei todas as partidas, fiz um monte de gols, o time foi campeão... Tudo. E aí renasci para o futebol. Voltei a jogar, voltei a ter prazer de jogar, e o tempo foi passando... Eu lembro, que uma coisa interessante demais, no primeiro jogo que eu fui jogar contra o Cruzeiro, o treinador era o Yustrich, duas coisas aconteceram: a primeira, quando começou o jogo e a primeira falta que saiu a favor do Cruzeiro, todos os torcedores - o Atlético, eu acho, tinha o

³⁵ Refere-se a Ronaldinho Gaúcho.

Transcrição

dobro de torcedores esse dia, que o Atlético estava embalado - todos os torcedores do Atlético começaram a gritar assim: - “Nelinho, Nelinho!”. Pô Gozando o torcedor cruzeirense. E depois, quando saiu uma falta, a primeira falta que saiu a favor do Atlético, em frente à área, a torcida toda do Galo gritou: - “Nelinho, Nelinho!”. Aí depois - isso antes de bater a falta - “Éder, Éder!”. E por fim, a torcida toda: - “Qualquer um, qualquer um!” [Risos]. Porra, cara! Eu dentro do campo escutando aquilo, falei: - “Os caras são criativos demais, não é não?!” [risos]. E a torcida do coisa doida. Eu sei que o jogo está lá, um a zero a gente, um a zero, o jogo duro. Pô, quarenta minutos do segundo tempo, saiu uma falta na entrada da área, na meia-lua. Eu fui, eu e Éder sempre nos demos muito bem nesse negócio de falta, a gente brigava para o outro bater, a gente não brigava para bater, brigava para que o outro batesse. Então, nesse dia, eu falei: - “Aí, Éder, vai aí, pega essa aí”. Disse: - “Não, que vou pegar rapaz, tu está louco? Você que vai bater essa, vai lá e mete o gol com raiva lá, porra não sei o que?”. Tomei distância cara, o goleiro botou barreira de uns seis. Ele ficou no canto dele assim, sem brincadeira... Eu tenho esse gol gravado. Ele ficou há uma distância de um metro da trave, do lado esquerdo dele. Eu vim correndo, dei uma bomba em cima dele, por cima da cabeça dele, ele não conseguiu levantar o braço, não deu tempo. Quando ele fez assim, a bola já estava na rede. Foi um dos chutes mais fortes que eu dei na minha vida. E quando eu fiz o gol, foi em frente ao túnel do Cruzeiro. Eles estavam achando que eu ia lá, para o Yustrich. Nem olhei para eles, corri, fui para a torcida do Atlético. Nunca fui lá na torcida do Cruzeiro, não tem nada a ver. Eu sempre respeitei isso. Eu acho que torcedor sempre tem quer ser respeitado. Por mais que aconteça deles pegarem no seu pé, eu acho que... Porque, normalmente, quando você vê alguma atitude de torcida, normalmente é a minoria. Quando desrespeita o profissional, é uma minoria. A maioria respeita, entende.

B. B. – É você mesmo negar o seu passado. Você teve uma história no Cruzeiro...

M. C. – É, que isso! E hoje, a coisa mais difícil que tem para eu explicar, é quando perguntam que time eu sou hoje, e eu falo que eu sou os dois. Ninguém entende, ninguém acredita, eu tenho que explicar que eu era do Rio, que eu era vascaíno. Então, na medida que eu me tornei profissional, eu deixei. Hoje eu sou Atlético e Cruzeiro por

Transcrição

quê? Porque os dois me trataram bem, tudo o que eu tenho na minha vida eu devo aos dois clubes, e gosto do Grêmio também, que eu passei por lá, gosto do Remo, gosto de tudo. Dos clubes que eu joguei, eu sempre acompanho e torço, então é isso. Foi uma passagem que eu tive pelo Atlético maravilhosa, eu tive oportunidade de jogar com grandes jogadores. Depois desse período ainda tem o segundo período antes de eu encerrar, que era o Zenon³⁶, o Nunes, o Renato “pé murcho³⁷”, que jogou lá no São Paulo, jogou no Guarani... Nossa! Elzo... Nossa, só grandes jogadores que eu tive oportunidade de jogar. Então eu sou grato aos dois, não tem como falar que sou cruzeirense ou atleticano, e muito difícil. E minhas filhas, eu tenho três filhas que são atleticanas doentes, e eles brincam comigo e tudo: - “Você é cruzeirense!”. Eu digo não, eu sou atleticano também, gosto dos dois, não tem problema.

B. B. – Nelinho, e o momento de encerrar a carreira, como é que foi para você?

M. C. – Olha, eu tinha me preparado para encerrar em 1986, eu não jogar mais. Quando chegou no meio de 1986, uma tia da minha esposa e o marido dela eram políticos do PDT, eles tinham sido exilados na Alemanha, no Chile, e tudo, e eles voltaram com o perdão, eles voltaram e se engajaram de novo no PDT, que era do Brizola³⁸, e começaram a trabalhar. Eles chegaram na época da eleição, a eleição seria, para 1987, seria em 1986, no final de 1986 eles saíram para deputado. – “Nelinho, você podia ajudar a gente, o PDT aí, por que você não sai candidato?”. Eu digo: – “Eu não gosto de política, não entendo nada. O que eu vou fazer com política?”. Falou: - “Não, você tem que sair”. Eu falei: - “Então está legal, eu vou sair”. Quando eu resolvi me candidatar, eu falei: - “Não vou encerrar a carreira agora, eu tenho que seguir jogando e torcer para eu estar bem, para o Atlético me eleger”. E foi o que eu fiz. Continuei jogando, o Atlético fez uma boa campanha. Nesse ano, teve um problema, não me lembro por que, que o Campeonato Brasileiro não acabou em 1986, ele foi acabar no início de 1987³⁹. Campeonato encerrou, parou para férias, e eu estava jogando bem, e

³⁶ Zenon de Souza Farias, ex-meia do Corinthians, Guarani e Atlético-MG.

³⁷ Carlos Renato Frederico, o Renato Pé Murcho, meia do Guarani, no final dos anos 1970, do São Paulo, Botafogo e Atlético Mineiro, nos anos 1980.

³⁸ Leonel Brizola.

³⁹ Houve uma mudança no calendário por conta da realização da Copa do Mundo.

Transcrição

foi na época da eleição. Conclusão: fui eleito. Não pedi um voto, não fiz nada e fui eleito. Quando nós voltamos, para 1987, reiniciou o campeonato, era jogo eliminatório, a gente ia jogar contra o Flamengo. Um jogo, lá no Mineirão, e eu fiz o gol de pênalti. Quer dizer, eu estava voltando, tinha sido eleito, fiz uma faixa agradecendo o torcedor atleticano e fiz o gol. Aí veio a semifinal – era quarta de final – veio a semifinal, nós pegamos o Guarani, de Campinas. O Guarani ganhou da gente de um a zero, no Mineirão, nós fomos lá em Campinas, abrimos o placar de um a zero, tivemos chance de meter o segundo, não fizemos. Aí eles foram, viraram o jogo, dois a um. Nós fomos desclassificados, aí teve a final, Guarani e São Paulo, que eu acho que o São Paulo ganhou nos pênaltis, se não me engano. No finalzinho o “Careca” fez um gol lá que empatou o jogo, e aí foi para os pênaltis. Ali foi início de 1987, ali eu encerrei minha carreira já consciente, tranquilo. Eu não lamento nada aquele negócio de porque encerrei a carreira, mesmo porque eu dei uma sequência na carreira política, cumpri o mandato dos quatro anos, não fui reeleito, e fui ser secretário adjunto de esportes, depois dirigi o Mineirão durante um ano, fiquei mais quatro anos na política, e aquilo foi amenizando o negócio da distância do futebol. Hoje eu tenho uma academia, eu engajei na academia, comecei a trabalhar na academia, comecei a jogar “pelada” com os ex-atletas, pronto, aí esqueci. Não lamento não ter tido oportunidade de ganhar dinheiro como eles estão ganhando hoje. Eu acho que a minha época era a minha época, o jogador profissional, eu lembro que meu maior salário no futebol eu comprava um carro popular. Então significa dizer que hoje eu ganharia vinte e cinco mil reais. Um carro popular era o que eu ganhava. Só que, para a época, esse salário era maravilhoso, gente! Você comparando o que era um salário mínimo, eu ganhava bem demais. Só que hoje os caras não ganham bem, eles ganham muito bem. E eu não lamento... Eu dou os parabéns para eles, eu acho que é isso mesmo. Na época que eu joguei não tinha o investimento que tem hoje no futebol. Só tinha um jogador que fazia propaganda, que eu lembro, que era o Pelé. Aí depois veio o Gerson⁴⁰, aquele negócio de levar vantagem. Ninguém fazia propaganda. O cara vivia de salário. Hoje não, o Neymar ganha o que ganha por quê? Porque tem a propaganda por trás disso, merchandising é muito grande, ele consegue ganhar muito, além do salário ser muito bom, do clube. Mas eu não lamento não, acho que cada um na sua época. Agora, tem uma coisa que eu costume

⁴⁰ Gerson de Oliveira Nunes, ex-meia do Botafogo, Flamengo, São Paulo e Fluminense.

Transcrição

dizer: eu não ganhei o dinheiro que esses caras estão ganhando hoje não, mas eles também não jogaram com os caras que eu joguei não, viu. Porque, a minha época, você jogar, o Cruzeiro, que tinha o Dirceu Lopes, Zé Carlos, depois o Tostão, que saiu, aí depois você tinha o Palmeiras: Ademir da Guia, Leivinha, o Nei, Dudu, Luiz Pereira... Aí você vai para o Botafogo, pega o Fluminense, Gerson, não sei o que, Paulo César Caju, Zico... Gente, todos os times grandes eram formados por craques, era só craques. Você jogava contra e a favor só de cara bom do seu lado, e na sua frente. Então, hoje, os caras estão ganhando dinheiro sim, mas vai ver o nível dos times. Não é que o nível do futebol brasileiro caiu. Caiu, mas por quê? Porque os grandes jogadores jovens estão indo lá para fora. Apesar de que, hoje, lá fora também, você pega a dedo quem é diferenciado. É difícil. Porque antes você tinha o Ronaldinho Gaúcho lá jogando, Ronaldo fenômeno, Romário. Hoje a qualidade já não é a mesma também não, lá fora. Então isso aí, eu tive esse prazer, para amenizar o sofrimento da falta de grana [risos]. Pelo menos eu joguei com uns caras desses.

Voz masculina: Vou cortar agora, só para trocar a fita aqui.

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]

José Florenzano – Nelinho, eu queria que você aproveitasse e explicasse um pouco, se for possível, a habilidade que você desenvolveu para bater na bola aquele chute que, certamente, é extraordinário. O que que é? Foi um aprendizado seu, como que você desenvolveu ele?

M. C. – Bom, isso aí tem explicação sim. Eu, desde pequeno, às vezes... Porque a gente não tinha número suficiente para jogar uma “peladinha” na rua, tinha três ou quatro, lá em Olaria... Vocês não conhecem lá, mas lá - até onde minha mãe mora – atrás do campo do Olaria chamava-se “Boiada de Olaria”. Eram dez campos de futebol gramados pela natureza, e sempre tinha um responsável por cada um deles, que mantinha a grama cortada, e tinham campeonatos que eram disputados durante o ano, e aí a gente ia lá durante a semana, não tinha nada. A gente ia lá, pô o que a gente fazia?

Transcrição

Pegava um campo daqueles, ia para baliza, chute a gol. Brincadeira de dupla, bater pênalti... Então a gente ficava brincando disso. E na rua que eu morava, também, a gente colocava a baliza lá e ficava brincando, final de semana, de dupla. Ficava chutando para gol. E já naquela época, eu pequeno, eu jogava com os adultos, e eles fizeram a baliza mais alta do que o normal, então eu chegava, como eu não tinha chute forte em comparação com eles, os adultos, eu batia só no altinho, ela só passava rente ao travessão, e os caras não conseguiam saltar e pegar. E eu, pequenininho, os caras queriam jogar comigo. Quer dizer, eu, para defender, praticamente era nulo, mas para bater, para chutar, eu fazia todos os gols. Então a dupla que eu jogava, normalmente, ia para a final. Eu gostava disso. Quando eu comecei a participar de clubes... No Olaria já era, no Olaria, “dente-de-leite”, tinha um tal de Zé de Riba, que morava lá, que ele chutava muito forte, e a bola era a bola número três, uma pequenininha, que a gente jogava. Tudo menino, de onze, doze anos. E, na época, eu já batia falta também, era ou eu ou ele. E aí eu cheguei no América, comecei a bater falta. Aí é o seguinte: eu ia treinar, treinava normalmente. Acabava o treino, ficava chutando de fora da área para o gol, pá, pá, pá. Ficava lá o dia inteiro. Quando era treino à tarde, escurecia. Os caras tinham que me tirar do campo lá à força, e eu tinha esse prazer. Quando eu cheguei no Cruzeiro, falei porque no Remo eu praticamente não joguei, então eu não tinha muito o hábito. Mas quando eu cheguei no Cruzeiro, que eu comecei a bater falta, comecei a fazer gol, eu pegava depois do treino... O treino terminava, em média, dez, dez e meia. Eu pegava um goleiro, e às vezes não tinha goleiro, eu botava uma camisa no ângulo, dos dois lados, começava a meter entre a camisa e a trave. Chutando, com barreira, sem barreira. Bola rolando, eu pegava um auxiliar de cozinha para ficar pegando as bolas minhas atrás do gol e para rolar a bola para mim. Ai eu ia, pegava a bola, do lado direito, no *corner*, eu botava, fora da marca do *corner*, eu botava dois metros para fora ainda, e chutava direto para o gol, de curva, batendo. Ai chutava, chutava, depois ia entrando com a bola no campo e ia fazendo um semi-círculo em frente à área, eu ia parar lá do outro lado, fora do campo, e batendo com o lado interno do pé. Então, eu treinava isso demais. Eu acabava de treinar meio dia, meio dia e meia, uma hora. Aí o roupeiro, o que eles faziam? –“Nelinho, está aqui a sua toalha, seu tamanco aqui”. Botava aqui, todo mundo ia embora, ficava lá sozinho, cara, treinando. Tinha dias que eu ficava lá, eu almoçava lá, eu mandava fazer comida para mim, eu almoçava e à tarde

Transcrição

eu ficava treinando com um garoto que ficava lá me fazendo companhia. Ele pegando bola para mim. Quando muito, tinha o Vitor Braga, que hoje é um *marchand* aqui, que agarrou no Santos, o Vitor, que ele animava a treinar comigo. O Raul⁴¹ nunca gostou muito desse tipo de treino; mais o Vitor. Então eu treinava demais. Eu gostava de bater na bola e tinha facilidade para bater na bola. Quando eu batia falta, eu treinava todos os tipos de cobrança. Eu batia com o lado interno do pé, com o lado externo do pé, com o peito do pé, eu chutava... Eu tinha tanto... Eu treinava tanto – isso aí pode parecer até... - “Pô, esse cara é mascarado para caramba” – mas isso eu falo mesmo de boca cheia. Eu ia bater na bola, eu falava – quem me conheceu na época pode confirmar – eu falava o que ia fazer com a bola. Eu vou chutar aqui, ela vai sair uma curva aqui por trás da barreira e vai sair no canto do goleiro. Eu vou chutar aqui e vai no canto da barreira. Eu vou chutar agora, ela não vai fazer curva, ela vai reta. Outro chute que eu falava assim: - “Eu vou chutar, a bola não vai girar”. Já viu isso? Eu vou chutar, a bola vai sair assim, parada... Que hoje até fazem muito, com essa bola aí eles fazem. Às vezes eles nem sabem como é que eles fazem, mas eles fazem. Eu sabia, e eu falava: - “Vou fazer!”. Outra coisa, o “Palhinha” costumava falar para mim assim, falta em frente à área: - “Nelinho, posso ir para o rebote?”. Eu digo: - “Não vai não, que tem rebote não, Palhinha” [risos]. Eu falava para ele: - “Ou é gol, ou a bola vai para fora”. Porque eu também não acertava barreira não. De seis chutes eu acertava a barreira uma vez. Tanto que, quando era treinamento coletivo, tinha falta, o cara ia para a barreira... - “Pode deixar, não assusta não que não pega em vocês não” [risos]. E não pegava mesmo. Ai ele falava isso: - “Vai ter rebote?” - “Não”. Ele falava: - “Vai ter rebote?”. Eu digo: - “Vai. Corre para cima do goleiro”. Eu chutava no goleiro para quicar na frente dele. Eu chutava assim, que a bola quicava na frente do goleiro. Eu batia e sobrava. Às vezes não dava rebote, que o cara pegava firme, mas eu tinha total domínio no que eu fazia na hora de chutar. Um único cara que eu vi depois fazer, que para mim foi o último grande batedor de falta que nós tivemos aí, foi Marcelinho Carioca⁴². Esse, ele batia também com o lado externo do pé, com o peito do pé, com o lado interno, chutava esse elevador, picava na frente do goleiro... Eu acredito que ele tenha tido... Pode não ter tido 100% do

⁴¹ Ex-goleiro do Atlético Paranaense (onde começou a carreira), São Paulo, Cruzeiro e Flamengo, Raul Guilherme Plassmann ficou conhecido também como comentarista esportivo quando trabalhava na TV Globo.

⁴² Marcelo Pereira Surcin, o Marcelinho Carioca. Ex-meia do Corinthians e do Flamengo.

Transcrição

domínio do que ele ia fazer, mas 80% ele tinha. Você via que ele... E ele treinava. Eu vi grandes batedores, os caras que batiam bem na bola, não se tornarem grandes batedores de falta, quer dizer, os caras faziam muitos gols, não treinava, cara. Esse Roberto Carlos aí, o chute que ele tinha, ele tinha que ser considerado o maior batedor de falta do mundo, porque ele batia... Um gol que ele fez quase do meio de campo contra a França, que ele bate com o lado assim, que a bola faz uma curva, sai da barreira, vai lá fora e vem, entra na gaveta, aquilo ali tinha que fazer sempre. Só que ele não treinava. Eu acho que ele não treinava por quê? Porque chegava nos jogos, tinha falta, ele chutava onde o goleiro estava. Ele não tirava do goleiro, difícil ele tentar tirar do goleiro. Aí hoje, quem é o batedor de falta do Brasil? Marcos Assunção⁴³. Que bate bem, mas só bate com o lado interno do pé, é o mesmo chute. E o Rogério Ceni⁴⁴ também é só o mesmo chute, com o lado interno do pé. Ou no canto do goleiro, ou por cima da barreira, não tem variação nenhuma. Então o último foi o Marcelinho.

B. B. – E o Branco⁴⁵, você gostava?

M. C. – Também é limitado. Ele batia forte, mas ele era limitado em variedades, em variações. No chute, ele se limitava muito, era uma coisa muito previsível, muito previsível. O Neto⁴⁶ também batia muito. O Neto, hoje comentarista da Bandeirantes, batia muito bem na bola, ele também batia com o lado de fora e o lado de dentro, e tinha um chute forte. Então, teve o Neto, e depois por último, foi o Marcelinho Carioca. Não teve mais não.

B. B. – Em termos internacionais, algum jogador fora do Brasil, selecionados, que você admira ?

M. C. – Eu acompanho muito o Barcelona, mas eu não vejo, assim, um batedor que se destaque pelo número de gols que tenha feito. Você vê um cara acertar uma hora

⁴³ Então volante do Palmeiras.

⁴⁴ Então goleiro do São Paulo.

⁴⁵ Branco, o Cláudio Ibrahim Vaz Leal, ex-lateral-esquerdo do Internacional-RS, Fluminense (onde também encerrou sua carreira), Porto-POR, Brescia,-ITA, Flamengo, Grêmio, Corinthians, Metrostars-EUA e Seleção Brasileira.

⁴⁶ José Ferreira Neto, [Ex-meia do Corinthians e Guarani](#)

Transcrição

ou outra, ele acerta, bate uma falta maravilhosa, você fala: -“Pô, esse cara bate bem falta”. Eu quero saber quantos gols ele fez de falta. Esse é o problema. Agora, que tem bons batedores, tem, mas com poucas opções. Eu acho que, para mim, o batedor é aquele que realmente o goleiro não sabe de que jeito que vem a bola, não sabe. Uma vez, esses chutes que eu treinava, eu tinha o Flamarion⁴⁷, via eu treinando. E aí, o Flamarion, um dia, ele jogava no Guarani, veio jogar no Cruzeiro, e aí, um dia, no interior, teve uma falta do lado esquerdo, na intermediária, o goleiro botou a barreira, ele chegou perto de mim e falou assim: - “Oh Nelinho, bate daquele jeito”. -“De que jeito?”. - “Aquele passando por fora da barreira, mas que vai lá no canto do goleiro”. Eu falei: - “Ah, Flamarion, aqui não merece essa falta não, não tem ninguém vendo esse troço não, ninguém está televisionando isso”. Ele falou assim: - “Mas bate aí”. Eu corri, cara, dei uma pancada, a bola passou por fora da barreira, quando passou por fora da barreira, porra, o goleiro estava no canto dele, o que é que ele corre? Ele corre para trás da barreira. A bola passou lá, é no canto da barreira. Ele veio. E a bola não parou de fazer curva não. Continuou, continuou, quando ele assustou, quis voltar, não deu, entrou lá na gaveta. Quer dizer, a bola não passou por cima da barreira e foi no canto dele, ela passou por fora e fez toda essa curva. Eu tenho um gol desse, na minha despedida, que eu fiz, contra um goleiro que tinha sido contratado..., ao final do campeonato mineiro ele tinha sido contratado. Ele jogava no Vila Nova, foi contratado, Roberto Carlos. Ele foi contratado para jogar no Cruzeiro. O cara tinha 1,90m. Nesse meu jogo de despedida, eu fiz dois gols de falta, estão gravados. O segundo dele, nessa situação que eu me referi agora, exatamente, e tem um cara que filma o gol, que eu tenho essa filmagem, por trás do gol. Ai você vê a bola passando por fora da barreira, um metro da barreira, por fora. Mas está lá fora, parece que ela vai para a linha de fundo, lá na bandeirinha de *corner*. Aí ela vem fazendo a curva e entra no canto da barreira, não foi no canto dele. E ele só olha assim, e levou o gol. E no dia seguinte, os comentários que ele tinha “frangado”, nas duas, que ele foi o “peru”, que não sei o quê. Os caras ignoraram a minha falta lá, parece que era falta comum, mas não, a falta era difícil para o goleiro. E eu acho que ele não chegou a jogar no Cruzeiro. Os caras não chegaram nem a colocar, emprestaram ele, eu sei que nunca mais eu ouvi falar no nome dele. São lances assim, cara, que eu fazia... E eu fiz uma dessas também contra o Flamengo, no

⁴⁷ Volante que foi revelado pelo Guarani durante carreira, defendeu Cruzeiro, Sport-PE e Botafogo.

Transcrição

Maracanã. Começou o jogo, saiu uma falta minha de longe, do lado esquerdo, puseram a barreira, eu bati desse mesmo jeito, no canto do goleiro, e a bola passou... Essa, eu acho que ela passou por cima da barreira, fez a curva e caiu. O goleiro era o Cantarelli⁴⁸. E o Cantarelli correu para trás da barreira, quando ele viu que a curva estava mais do que ele imaginava, ele quis voltar, escorregou, e a bola picou ainda na frente dele. Não entrou no alto não, picou assim, entrou no ângulo. O Zico, ele tinha ficado do meu lado. Ele que ficou lá na bola, orientando a barreira. Quando eu fiz o gol, ele soltou um palavrão: - “Não é possível, nós falamos com esse cara a preleção toda. Meia hora falando do teu chute. Meia hora e o cara vai e toma o gol. Ele foi na primeira curva!” [risos]. O Zico falando para mim, eu achei engraçado. Depois, nós perdemos o jogo, perdemos de dois a um, mas foi interessante o comentário dele. Eles falaram, falaram, mas na hora o goleiro realmente tinha dificuldade. Então, quando você enfrenta um jogador que bate de qualquer jeito, eu fico imaginando o que é que o goleiro pensa. –“ Como é que esse cara vai bater? Vai dar em cima de mim, com curva, sem curva? Onde que eu vou?”. Tem uns caras que eles já sabem, o jeito que vem. A única coisa, por exemplo, o Marcos Assunção, pode, uma vez ou outra, trocar de canto. Uma vez bate na barreira, outra no canto da barreira, mas aquela mesma curva, não tem outra coisa, não tem jeito. Eu acho que isso aí é o que difere o grande batedor de fala. Esse arsenal de maneiras de bater na bola que o cara tem. E o índice de acertos. Porque, presta atenção, tem uns caras que batem bem, mas, porra, bate dez faltas, acerta duas no gol. Eu, modéstia à parte, de dez acertava nove e meia dentro do gol. Então o goleiro sabia o seguinte: eu vou ter que pegar essa bola, porque a bola vem aqui. Uma vez ou outra eu errava. Bater na barreira eu não batia, po, era difícil bater. Então o cara ficava mais nervoso dentro do gol. Isso aí é vantagem para o batedor.

B. B. – E o desafio de jogar a bola para fora do Mineirão?

M. C. – Aí foi a coisa mais fácil que teve [risos]. Foi mole, sabe por quê? Porque ninguém tinha tentado não. Quem tentasse lá, goleiro principalmente..., que foi com a bola na mão, que eu peguei e chutei. Se o goleiro chegasse lá, esses caras que batiam bem e chutavam forte, todos eles chutava para fora. Aquilo foi uma brincadeira e aquela

⁴⁸ Antonio Luiz Cantarelli. Ex-goleiro do Flamengo.

Transcrição

brincadeira virou notícia, porque foi para o “Fantástico”, foi a “Globo” que filmou, e foi para o mundo inteiro aquilo. Foi uma brincadeira, a dificuldade não era tanta não. Hoje, talvez, seja maior... Seja não, tenho certeza que é muito maior, porque o campo foi rebaixado três metros, então ficou pior. Mas a dificuldade maior é você acertar a força com a direção, porque a arquibancada, o início da cobertura da arquibancada, ficava afastada do campo, então, várias vezes eu chutei, a bola passou em altura, uns vinte metros, e não caia lá fora. E outras eu acertava a direção, mas ela passava por baixo, porque eu não tinha força de altura. Essa foi a dificuldade. O primeiro chute, eu chutei, bateu no refletor. Faltou vinte centímetros para ela passar. Eu fui tentando, só que eu tinha terminado um treinamento coletivo. Era no verão, um calor desgraçado, eram onze horas da manhã, eu chutando bola. Eu fui cansando, cansando, cansando, eu já estava quase desistindo, foi quando eu consegui. Tanto que chegou no dia seguinte, eu não pude treinar, no sábado, porque o meu dedão ficou inchado. Eu fiquei com o dedo inchado e doendo, eu tive que fazer tratamento para poder jogar no domingo. Mas isso aí foi mole, isso aí não é difícil não. Hoje inclusive... Eu lembro de outra brincadeira que aconteceu. Na época eu chutei, e foram entrevistar o Toninho – Toninho Baiano, lateral direito. – “E aí Toninho, Nelinho chutou a bola para fora do Mineirão, o que você tem a dizer?”. Disse: -” Ah, lá é mole, meu irmão, quero ver ele chutar aqui no Maracanã”. Aí vieram me entrevistar, e falaram: - “E aí, o que você acha?”. Digo: - “Toninho, problema seu cara, eu jogo no Mineirão! Eu tenho que chutar aqui, você que joga no Maracanã, você que chute aí no Maracanã. Eu não vou aí chutar não, eu não sou daí” [risos]. Pronto, aí ele ficou na brincadeira.

B. B. – Nessa brincadeira você foi “Bola de prata”?

M. C. – Quatro vezes.

B. B. – Quatro vezes.

M. C. – Quatro vezes “Bola de Prata”.

B. B. – Uma espécie de Oscar do...

M. C. – É. Engraçado, agora eu posso falar, o pessoal da “Placar” me desculpe, se eu estou falando uma mentira aqui, mas pelo menos a gente imaginava. Quem jogava em time grande, a gente imaginava isso. Até eles devem ter dados desmentindo o que eu vou falar, mas o que a gente imaginava era o seguinte: quando começava o Campeonato Brasileiro, começavam, as melhores notas, só que lateral direito, lateral esquerdo, são

Transcrição

tudo do nordeste, cara. Por quê? Porque lá os caras jogavam, a imprensa de lá que dava a nota. Aí os caras: dez, dez, dez [risos]. Vinha liderando, a Seleção era nordestina, cara! Com um ou outro, o Zico sempre estava, um Reinaldo, Rivelino... Tinha sempre uns quatro ou cinco do nordeste. Lateral direito, então, e lateral esquerdo, era uma festa. Eu lembro que o Louro⁴⁹ – eu acho que era Louro- que era o lateral direita do Fortaleza, a casa dele eram as cores do Fortaleza e tinha um escudo grande do Fortaleza na casa dele. Esse cara sempre liderava. Quando chegava no final ele sumia. Aí ganhava eu, ou um outro lateral lá do Rio. Eu entendo, porque tinha..., os times iam perdendo, estavam na rabeira, não tinha aquele apelo mais do torcedor, da imprensa do local, mas nós falávamos que eles faziam isso propositadamente, a revista “Placar”, para poder arrebentar de vender revista lá no nordeste, entendeu? Porque aqui, no centro, já era garantida a venda, não precisava botar um jogador. Mas quando você botava um jogador, um lateral direito lá do Fortaleza, chegava no Ceará ele arrebentava de vender revista. Toda semana eles queriam ver se o cara continuava na ponta [risos]. Então, a gente comentavam isso, não sei se realmente procede essa informação, mas era o comentário entre os jogadores, eram esses.

B. B. – Nelinho, a gente ia falar do momento de parar, você falou que foi candidato. E a possibilidade de ser treinador?

M. C. – Depois que eu parei com a política – eu ainda era secretário adjunto ainda – houve convite para ir para o Atlético. Eu fui. Quando cheguei no Atlético... Sempre os outros é que estão errados, não é? Não é ele que está errado não, não é? Mas é um outro detalhe. Eu nunca vi. Acho que foi o pior time que o Atlético formou. Não tinha jogadores, cara. O melhor jogador que tinha... Olha, tinha o Moacir⁵⁰, que depois foi para o Corinthians, e foi para o Atlético de Madri. Moacir, meio de campo. Tinha o Aílton. Acabou. Eu comecei a dirigir time, venderam o Moacir, ficou o Aílton. Aí os caras queriam contratar tudo cara desconhecido, uns meninos. Tanto não tinha time, que eu tive que pegar o menino Reinaldo, um escurinho. Tinha dezesseis anos, do juvenil do Atlético, era o melhor jogador. O Ronaldinho⁵¹ fenômeno era reserva dele na Seleção, para vocês terem ideia. Só que o Ronaldinho jogava mais que ele, eu acho. Só que ele

⁴⁹ Louro, o Francisco das Chagas Veras, lateral direito do Fortaleza e do Sport Club Corinthians Paulista.

⁵⁰ Moacir Rodrigues Santos, o Moacir, volante do Atlético Mineiro, de 1988 a 1992 e 1997, Corinthians, em 1992 e 1994.

⁵¹ Ronaldo Nazário.

Transcrição

estava em uma fase tão boa, o menino, fazendo gol, que eu peguei e botei para jogar. E ele, até em um clássico, ele fez o único gol que nós fizemos, nós perdemos o jogo. Nós fomos com esse time até a final, o último jogo foi contra o América. Se nós ganhássemos a gente ia para a final com o Cruzeiro. Quarenta e três minutos, o cara bate uma falta. Fizeram uma jogada ensaiada, erraram lá na hora da jogada, mas o cara chutou de qualquer maneira, a bola foi no meio do gol. O goleiro abaixou para pegar e a bola entrou. Perdemos de um a zero, nós ficamos em terceiro lugar. Aí saiu dali, o presidente, eu fiquei seis meses lá. Terminou comigo, contratou outro treinador. Eu fiquei, digo: - “Estou aí”. Aí veio o Cruzeiro depois, me contrata, em 1994, Ronaldinho fenômeno, Luizinho⁵², o Douglas... era um timaço o time do Cruzeiro. Dida era o goleiro, Paulo Roberto lateral direito, aquele que era do Grêmio... era um timaço. Eu sei que eu comecei a dirigir o time. Sete jogos, não tive nenhuma derrota, e eu fui mandado embora. Como que eu fui mandado embora? Um jogo, campeonato mineiro, jogando Cruzeiro e Valério de Itabira, termina o primeiro tempo, dois a zero. Nesse dia foi o dia que iniciou a permissão do treinador ficar ao lado do campo. Começou nesse dia. E eu não tinha esse hábito ainda, fiquei lá no banco assistindo o jogo, e a torcida metendo o pau, e esse jornalista que eu me referi lá atrás, que é o Evaldo Faria, ele começou a meter o pau no meu trabalho, e falou que tinha que contratar o Procópio⁵³, que era treinador, porque ele gostava do Procópio. E começou. Nisso o torcedor..., o cara vai para o campo ouvindo a Itatiaia, começou a gritar: - “Fora, Nelinho. Burro, burro. Fora, fora, fora, fora”. Eu entro para o vestiário, meio tempo, conversei com a rapaziada, aí peguei o Careca, que era um jogador que estava voltando de contusão, falei: - “Careca, entra lá”. Careca entrou, deu uma outra movimentação. Conclusão: metemos quatro a dois, ganhamos o jogo. Só que, depois eu fiquei sabendo, quando eu entrei para o vestiário, a torcida foi para trás do túnel e começou a gritar: “Burro, fora Nelinho”. E aí, o presidente da época, o César Massi, foi para a torcida e falou: - “Calma, calma, que ele já está mandado embora, eu já vou trocar ele”. E eu não estou sabendo de nada. Aí o jogo veio, nós viramos o jogo, ele me chama na segunda-feira e me manda embora. E o troço foi tão acintoso, essa pressão do Evaldo Faria botar o Procópio, que a própria imprensa, toda ela, ficou revoltada pelo presidente ter feito isso, na pressão. E não

⁵² Luis Ferreira, “Luizinho” zagueiro do Atlético-MG, Sporting (POR), Cruzeiro e Seleção brasileira.

⁵³ Procópio Cardoso Neto é um ex-jogador e ex-treinador brasileiro, que atuava como [zagueiro](#).

Transcrição

entendi porque eu estava saindo, eu não tinha perdido. E o time não precisava nem de treinador aquele time, não, para disputar campeonato mineiro pô. Conclusão: o resto da imprensa pressionou o presidente, ele já tinha chamado o Procópio para assinar contrato, voltou atrás, não contatou o Procópio, que ele ia ser muito pressionado, e contratou o Ênio Andrade⁵⁴. Ai o Ênio Andrade veio, fez um grande trabalho, e o Cruzeiro foi campeão invicto, esse ano. E ai, aquele som do torcedor Cruzeirense, de uma parte da torcida, quer dizer, ignorando tudo o que eu tinha feito pelo clube como jogador, me chamando de atleticano e de burro, eu falei assim: - “Ah, cara, não vou não. Vou fazer o seguinte: se um dia eu precisar de futebol eu volto, se eu tiver passando fome eu vou ser treinador, mas se não, nunca mais”. Então eu saí do futebol desse jeito, detestei ter sido treinador, eu acho que é uma profissão muito ingrata, por mais que ganhe dinheiro, tem que gostar muito, tem que ter muito sangue frio para aturar essas coisas que vem da arquibancada e da imprensa, porque a imprensa também, ela é severa, ela é maldosa, em alguns momentos, com o treinador. Eu conheço casos de treinador que é muito rígido nas entrevistas, que é ríspido, mas que é sincero, que é honesto, que aí o cara não gosta dele, ele pega raiva daquele cara e começa a fazer uma coisa sistemática para prejudicar o cara. Ele está vendo que o cara está fazendo um bom trabalho, ele fala que o cara não entende nada de futebol, que o cara é retranqueiro, não sei o quê. Então, esse meio é muito difícil. Esse meio, só tem uma coisa para você dizer nesse meio: é ser jogador e olhe lá, acabou. Eu adorei ter sido jogador de futebol, treinador, detestei. Dirigente então, nem pensar isso aí. É uma coisa que eu sempre digo: enquanto eu puder viver sem o futebol, eu vou viver. Hoje eu tenho uma academia e vivo dela, e aquilo que ela me der é suficiente para eu viver, então não pretendo nada além do que eu recebo pela academia. Ser treinador... Não adianta: - “Ah, vou te pagar quinhentos mil”. Sabe como eu seria treinador hoje? Seria treinador assim, vamos supor, vem um time grande aí - que não vai aparecer nunca, claro – mas se viesse um time grande e falasse assim: - “Nelinho, vou te pagar quinhentos mil por mês com um ano”, eu digo: - “Então vamos fazer o seguinte: você me dá os doze meses, seis milhões na mão, me dá na mão, contrato de um ano. Se você quiser me mandar embora, manda a hora que você quiser, mas eu já peguei o dinheiro, botei no bolso. Ai eu aturo os caras me chamarem de burro, podem chamar do que quiser [risos]. Eu vou botar os negócios

⁵⁴ Ênio Vargas de Andrade, o Ênio Andrade, foi jogador e treinador de futebol.

Transcrição

no ouvido, não vou escutar ninguém, aí eu vou ser treinador. Aí eu vou, caso contrário não. Porque esse negócio de ficar recebendo por mês, mesma coisa... que às vezes eles fazem, sem multa. Aí você fica lá, “burro, burro”. Você fica longe da sua família, viaja demais, concentração, os caras enchendo a sua cabeça lá, para quê? Para ganhar um pouquinho mais, ou que seja muito, além do que eu ganho? Não quero, não quero mesmo. Eu sempre rezo, peço a Deus, se ele continuar me dando o que está me dando, está bom demais, não quero ganhar quinhentos mil, um milhão, nada. Não quero nada disso. Treinador é muito difícil. Quando você vê um treinador lá na Inglaterra, o cara está lá há vinte e cinco anos no clube, e o cara é respeitado, isso é diferente. Você vai dizer que o clube não deu tempo para você avaliar o trabalho do cara? Não tem como. O cara está há vinte e cinco anos, já foi super avaliado, e continua lá por quê? Foi bem avaliado. Aqui não se manda treinador embora pelo que ele faz durante a semana, se manda pelo resultado. E quem manda embora? É o diretor. E que diretor? O cara acompanha? Não acompanha o treinamento. E se acompanha não entende de futebol. E como é que ele manda embora? Ele manda embora pelo resultado, em cima do resultado negativo vem a cobrança da arquibancada, do torcedor e da imprensa, que faz onda. Aí ele, para satisfazer os torcedores e a imprensa, ele manda o cara embora. Se um cara entende, fala assim: - “Eu não vou mandar ele embora não, eu acompanho o trabalho pô. O cara trabalha demais, é sério, é correto, trabalha bem, dá tudo quanto é tipo de treinamento, agora, chega lá dentro, o cara perde o gol na cara do goleiro, a defesa falha, pô, ele é culpado? Mas eu vi ele treinando o jogador, posicionamento na cobrança de um *corner*, eu vi ele posicionando. Eu vi ele posicionando o cara do rebote fora da área. Aí o gol aconteceu porque o cara que tinha que ficar na cabeça de área lá, no rebote, não estava ali, a bola sobrou ali, o adversário veio, bateu de fora e fez o gol. Então, se ele acompanha o futebol, acompanha o treinamento, e ele entende, ele vai reconhecer que o problema não é o treinador, são os jogadores. Isso não acontece no futebol. Às vezes, até um cara entende de futebol, sabe que o treinador não é culpado, e manda embora assim mesmo. É demais. O cara tem certeza que o cara é bom e que ele não é o culpado, aí ele vai e manda embora, sabe por quê? Para tirar o dele. Ele fala: - “Pô, os caras estão cobrando, vou fazer o que eles querem. Por que eu vou contrariar? Porque, se eu contrariar, eles vão fazer onda contra mim, porque eu é que estou bancando um cara que não presta, aí vão mandar embora o treinador e a mim”. Aí ele

Transcrição

vai lá e manda embora. Então, futebol é isso. A relação de diretoria com treinador é essa, entendeu? E outra coisa: aí você vai pegar treinador, está lá na beira do campo durante os treinamentos, que vem um diretor, ou vem um empresário, e fica buzinando no ouvido dele que tem interesse que determinado jogador entre no time. Aí ele, para não cair, ele coloca, entendeu? Aí você tem que peitar esses caras, falar: - “Não, aqui não, meu irmão, aqui manda eu!”. Não quero saber se ele tem empresário, se o diretor quer que ele jogue... Quando eu fui treinador no Cruzeiro... No Atlético não. O presidente Afonso Paulino respeitava demais, e entendia de futebol, foi um grande jogador de futebol de salão, acompanhava todos os treinamentos. Ele me mandou embora no final do campeonato mineiro, falou: -“Nelinho, deu, vou botar outro aí”. E ele reconhecia que o time também era fraco, mas ele quis mudar. Mas no Cruzeiro, teve um diretor que um dia chegou para mim, sentou do meu lado e falou assim: - “O Nelinho, por quê que você não põe o Fulano de tal para jogar?”. Eu falei para ele: - “Se o senhor quiser botar, meu amigo, é problema seu. Você pode botar, o senhor me manda embora, assume e coloca o cara para jogar. Eu não acho que ele deve jogar agora não”. - “Não, porque eu tenho acompanhado, tenho visto”. Pô, o cara não entendia nada de futebol. De repente ele tinha algum interesse, eu não sei, mas ele queria que eu escalasse o cara, eu falei: -“Não”. Esse mesmo cara, uma vez, não vou te dizer o nome do jogador, mas ele contratou um jogador, foi para o profissional. Aí eu cheguei, eu estou lá falando, estou vendo os treinamentos desse jogador, estou vendo, eu falei assim: - “Oh, Fulano – falei para o diretor – essa cara não joga nada. Esse cara não tem condição de jogar no Cruzeiro não. Como é que contrataram ele? Vocês viram ele jogar?”. Aí ele confessou: - “Realmente, Nelinho, eu não vi ele jogar. O cara me indicou, eu contratei”. Contrataram sem treino, sem nada, só porque o empresário falou. O cara não jogava nada. Rapidinho ele saiu do Cruzeiro, foi embora. Quer dizer, essas coisas acontecem dentro do clube, no dia- a- dia, e é difícil você conviver com isso. Então, claro, nós tínhamos um Vanderlei Luxemburgo, hoje o Muricy⁵⁵, Abel⁵⁶, os caras tem moral. Eu sei que eles têm personalidade, que também tem o trabalho deles lá isento, que eles não deixam o cara escalar time, mas eu fico vendo como é que eles conseguem conviver com esse meio. É porque é muito dinheiro que eles estão ganhando. Isso aí realmente...

⁵⁵ Muricy Ramalha, ex-meio campista do São Paulo, e atual treinador de futebol, trabalho no Santos.

⁵⁶ Abel Braga, ex-zagueiro, atual treinador, trabalha no Fluminense.

Transcrição

Pô, vale a pena eu ficar no meio desses caras aí escutando um monte de besteira, mas eu estou ganhando o meu, minha família está sobrevivendo através disso. Se eu sair daqui, vou fazer o quê? Então isso aí, acho que é o que move esses treinadores, os grandes treinadores, a permanecer nesse meio, que é um meio muito complicado, muito difícil.

J. F. – E a relação com o técnico, Nelinho? Quando você pegou pela frente um técnico autoritário, e se você exercia em campo um pouco a função de pensar o jogo, de exercer mudanças por iniciativa própria, por uma leitura do jogo?

M. C. – Muito. Isso aí acontecia muito na minha época, eu lembro. O Gerson, então, era mestre em fazer isso. O Gerson comandava o time que ele jogava. O São Paulo – eu não estava lá, mas eu imagino -, mas o Fluminense, eu joguei contra ele, ele jogou no Fluminense. Ele fazia muito isso, Piazza fazia muito isso. Zé Carlos, o meio de campo do Cruzeiro, fazia muito isso. No Atlético, tinha o Cerezo que fazia. O Heleno, que era o mais humilde, e tudo, mas era um cara que sabia ver o jogo, a gente conversava. O João Leite. Tem demais. E se não houver isso, meu amigo, se você ficar dependendo só do treinador... Eu sou um crítico severo com a postura do treinador na beira do campo, vocês passem a observar quando eles põem um microfone lá próximo, o que eles falam durante o jogo. A maioria... O que a maioria fala? – “Olha as costas, cuidado com as costas. Olha o Fulano...”. Oh, gente, o treinador vai “cuidado com as costas”, lá dentro? O jogador tem que saber que tem um cara entrando aqui nas costas dele. Eles só falam coisas desnecessárias. Eu conheci um treinador que ficava gritando, ele botava a mão assim... Ele está aí, não sei se está trabalhando não [riso]. Ele botava a mão aqui, ficava berrando, nada. Ele ficava berrando... não tinha coisa com coisa. Só para fazer média com a arquibancada, achava que ele tava dando instrução. Que ele estava nervoso, ele fazia assim: - “Para lá, para cá...”. Você olhava, ele não estava falando nada.

J. F. – Era teatro.

M. C. – Era teatro cara. Só pra impressionar. Esse cara fazia isso, a maioria... Não muda entendeu? Não muda nada. “Cuidado com Fulano, marca Fulano...”. Gente, você está dentro do campo, você está vendo o adversário, o cara pegando a bola toda hora ali, você precisa o treinador avisar para marcar o cara? Você, lá dentro, você vai... Um fala: - “Oh, cara, encosta nele lá, ele está dominando, está complicando nosso time aqui, marca ele lá”. É o próprio jogador que fala.

Transcrição

J. F. – Na sua época vocês falavam?

M. C. – Claro. E o treinador não ficava na beira do campo falando nada, ele ficava dentro do túnel, quieto. Então, o que acontece, como é que funciona? É no meio tempo, o principal treinador é durante a semana, é os treinamentos. Ele dá treinamentos que motivem os jogadores a fazerem aquilo que ele deseja. Então ele tem que saber mexer com isso. Ter uma leitura daquilo que os jogadores estão fazendo nos treinamentos, saber quem é o adversário, poder escalar um time de acordo com o adversário. Por exemplo, ele tem um lateral lá que pô o cara marca mal, e o ponta esquerda adversário é o melhor do time. Fala: - “Pô, se eu botar, eu estou roubado”. Ou então ele pode até não tirar o lateral, mas ele pega o meio de campo e fala assim: - “Toda hora que o ponta esquerda pegar a bola, você encosta no lateral para ficar dois contra um, para ajudar ele a marcar. Então, essas coisas acontecem durante a semana. E durante o jogo, ele vai ver o primeiro tempo, vai chegar no vestiário e vai fazer as observações, as mudanças, “faz isso, faz aquilo”. Isso pode surtir efeito. E outra coisa, observar quem está mal. O cara enxergar quem está mal e colocar um outro. Agora, se o outro vai jogar bem, não é problema dele, mas ele fez o papel de tirar um cara que estava jogando mal. Mas aí não, tem um treinador que chega lá, aí o cara está jogando bem, ele tira o cara, e o outro que está ruim fica. Ou então ele tira um cara que está jogando mal e põe um outro que não tem nada a ver. Por exemplo, ele tira um cara que está jogando mal, que o cara que está jogando mal deveria criar mais. Só que ele botou um cara no lugar desse que não sabe criar. Então vai continuar do mesmo jeito. O treinador é importante nessas ocasiões. Agora, do lado do campo? Isso é baboseira, rapaz! Isso aí, os caras fazem é teatro ali, não muda nada, nada, nada, nada e quando eu converso com treinadores sérios, eles falam mesmo: -“Nelinho, todo mundo fica, eu vou ter que ficar também, senão eu vou ser recriminado”. Os caras fazem porque todo mundo fica, todo mundo vai para lá. Ficam lá reclamando de bandeirinha, reclamando com o árbitro, é o que eles fazem lá, berrando, xingando o jogador dele: - “Pega, pega!”. Que pega, rapaz, deixa o cara jogar lá! Isso aí é demais, acontece demais no futebol. É o dia- a - dia do futebol, é isso aí. Os caras se acostumam com isso e ficam.

B. B. – Nelinho, estamos chegando no final do depoimento, queria que você falasse um pouco da sua relação atual com o futebol, como é que você vivencia, se você

Transcrição

acompanha, se você ainda joga, brinca, e como você está vendo a Seleção para a Copa de 2014?

M. C. – Primeiro, eu parei agora de jogar futebol, estava jogando futebol, era futebol society, grama sintética, mas eu tive um problema com a vista, que eu operei, depois dores musculares, e tudo, eu fui afastando. Já estou totalmente recuperado, mas eu acho difícil voltar a jogar. Meu esporte predileto hoje é futevôlei, que eu jogo nas casas dos amigos, tem quadras de areia, e tem ex-jogadores também, aquele Júnior, lateral esquerdo, jogou no Palmeiras, jogou na Seleção, mora aqui, ele joga. O Denis, que jogou no Palmeiras, jogou aqui no América, também joga, Carlinhos... Um monte de gente, jogador que joga, um grupo bom. É um esporte que eu mais pratico hoje. A outra pergunta...

B. B. – O que você está vendo das perspectivas da Copa de 2014?

M. C. – Essa foi a última, teve uma antes dessa, mas vamos nessa aqui.

B. B. – Como você vivencia o futebol? Acompanha, enfim...

M. C. – Eu acompanho, assim, eu escolho os jogos para assistir, e dentro das minhas escolhas impreterivelmente está o Barcelona. Sempre que posso, que eu tenho oportunidade, eu assisto o Barcelona, pelo conjunto do time, pelo Messi⁵⁷, que é craque mesmo, é um cara que... Nunca vi um cara baixinho daquele jeito conduzir a bola colada nos pés, leva pancada, não se joga, não cai. Ele dá preferência para o gol, cara, ele quer fazer gol. Ele não quer cavar falta, ele não quer cavar pênalti, não quer nada. Ele é muito habilidoso, humilde... Você vê que ele é humilde, um cara simples... Eu sou fã dele. Jogos da Copa Europa lá, aquelas coisas todas lá, quando eu posso eu assisto, das grandes equipes. Futebol brasileiro, eu estou com preguiça de ver futebol brasileiro. Eu torço para os times de Minas Gerais, o Atlético está em uma campanha muito boa. Quando eu vejo o Atlético, eu vejo é para ver o Ronaldinho pegando na bola e dar uns lançamentos, aqueles passes dele, um drible. O Bernard⁵⁸ agora que está motivado, depois que o Ronaldinho chegou, ele motivou e subiu de posição, mas em geral não gosto de ver por quê? Eu fico cansado, essa é a palavra correta. A pessoa pode achar: - “Esse cara está inventando, está de sacanagem”. Não é não, cara. Chega uma hora que

⁵⁷ Lionel Messi, atacante argentino que atua no Barcelona e já foi eleito pela FIFA três vezes o melhor jogador do mundo.

⁵⁸ Atacante do Atlético-MG de 2012.

Transcrição

eu respiro fundo, parece que eu estou correndo. É que os caras correm tanto no campo! O cara corre, aí ele perde a bola, aí ele corre, pega a bola, toma a bola de novo, aí entrega a bola, aí pega a bola de novo, os caras erram um passe de dois metros. Um passe longo dificilmente você vê hoje no futebol brasileiro. É um futebol que, quando eu jogava, quem corria mais corria quatro quilômetros e meio, cinco quilômetros. Hoje os caras estão correndo doze km em uma partida. A velocidade é muito grade, o tempo de raciocínio diminuiu drasticamente. O cara que domina a bola no meio de campo não tem tempo de levantar a cabeça. Então é choque, é trombada, o tempo todo. Eu não consigo, cara! Sabe quando é que o jogo fica bom? É quando o time já está ganhando de dois, três a zero, aí o jogo fica bom de ver. Que o time adversário já está abatido, afrouxa a marcação, aí tem um time que tem um cara melhorzinho, começa a tocar, faz uma tabelinha, vem o Neymar dribla todo mundo. Aí fica bonito de ver. Vem o Ganso⁵⁹, dá um “chapeuzinho”, aí eu gosto de ver, me agrada. Mas enquanto o jogo está disputado, zero a zero, não consigo ver. O futebol está feio demais, os caras correm muito, é muito preparo físico e a técnica ficou em segundo plano. O goleiro hoje, para ser goleiro, não pode ter menos de 1,90m, os beques também tem que ser só beque grandão. Para quem viu jogar Roberto Dias, que jogou no São Paulo, quarto zagueiro baixinho, jogava para caramba. Aquele outro paraguaio, que jogou no Palmeiras, que foi destaque na Copa do Mundo, eu esqueço o nome dele agora...

J. F. – Gamarra⁶⁰?

M. C. – Gamarra. Também jogava para caramba, e era baixo, relativamente baixo. Então, futebol, os caras estão olhando muito primeiro para o físico, e depois, segundo plano, está técnica do cara, se ele joga ou não joga. Eu estou realmente muito distante do futebol. Quer dizer, eu não estou totalmente distante porque eu inda vejo. Dentro do futebol, algumas equipes, alguns campeonatos que dá para ver. Alguns jogos, de alguns campeonatos, porque tem campeonato, mesmo espanhol, que tem jogo que não tem condição de você assistir. Mas se você assistir o Real Madri jogando, você vê o Barcelona, você consegue assistir. Campeonato Francês também, você tem que escolher os times, campeonato alemão... Agora, campeonato brasileiro, meu amigo... Hoje eu

⁵⁹ Paulo Henrique “Ganso”, meio campista do São Paulo.

⁶⁰ Carlos Alberto Gamarra Pavón, o Gamarra, jogou no Corinthians, Internacional, Inter de Milão, Palmeiras e outros time na Europa. Destacou-se na Copa do Mundo de 1998 por ter sido eliminado nas oitavas de final da competição sem ter cometido uma só falta.

Transcrição

sigo, no campeonato brasileiro, os times mineiros, em termos de resultado, e o Coritiba, que eu torço muito para o Coritiba porque o Marcelo Oliveira é o treinador atual, é um grande amigo que eu tenho. Até hoje nós somos amigos, saímos juntos, a família toda é amiga, então eu estou torcendo por ele. O resto, não estou nem aí, estou distante mesmo.

B. B. – E por fim, a Copa de 2014.

M. C. – Olha, para mim, hoje, não existe time, não existe Seleção. Se nós imaginarmos que a Seleção que foi nas Olimpíadas, é metade, praticamente, da Seleção da Copa do Mundo. Eu não tenho uma informação precisa sobre a Seleção do México, mas eu imagino que a Seleção do México tenha muito mais jovens, menos jogadores do “top” do que o Brasil tinha, e nós vimos o que vimos lá, o Brasil tomando de dois a zero, levou um passeio. Nossos grandes jogadores, o que eles fizeram? Sumiram. Então, o que a gente pode imaginar, pode esperar, da Seleção Brasileira na Copa do Mundo? Eu estou esperando o pior, a não ser que nesse curto espaço de tempo haja uma mudança muito grande, muito significativa, para a gente passar a acreditar na Seleção dentro do campeonato. Sabe qual a comparação que eu faria hoje com a Seleção Brasileira? Exatamente o que aconteceu com a seleção feminina de vôlei. Quando começou a competição nas olimpíadas, inacreditável. As meninas erravam saque não forçado, só de passar a bola estavam errando. Eu que sou fã do vôlei brasileiro, eu fiquei desanimado. Falei: - “Nossa, vão ser desclassificadas na primeira”. Ai o troço girou, elas ganharam o jogo, tinham oportunidade de fechar para ganharem da Rússia, subiram, chegaram na final arrebatando, jogando demais. Foram campeãs. Então, o Brasil está exatamente, hoje, se encontra igual a seleção de vôlei feminina se encontrava no início da competição. Mal. Agora, pode ser que até lá haja uma reviravolta, que a Seleção pegue confiança, que desenvolva um trabalho em termos de conjunto. Também, é muita convocação, muitos jogadores jogando. O cara joga, e joga mais ou menos, já não é convocado. Aí tem o outro lado: o cara joga mais ou menos: “Olha, esse é o homem!”. No jogo seguinte, não joga nada. Você não tem uma sequência nas atuações que dê ao treinador e ao torcedor brasileiro essa confiança de manter o cara: “Não, esse cara aqui eu esqueço”. Por exemplo, eu acho que eles já esqueceram lá, que não vão mexer, Neymar é um. Esse, eu não vou me preocupar com ele. O outro é o Thiago Silva, beque central. De repente o lateral direito. Quem mais? Não sei. Ai o meio de campo

Transcrição

esses meninos que jogaram aí nas Olimpíadas, eu não sei se um deles vai para a Copa do Mundo, não tenho a mínima noção. O Ganso vinha arrebatando, entrou na Seleção no segundo tempo, ele entrava andando, saía andando do campo. Gente, como é que você vai confiar? Então, a desconfiança que existe de minha parte, e que acredito que seja de grande parte do torcedor brasileiro, é em função das atuações. Então, se eles não passam, mesmo nas vitórias, eles não conseguem passar confiança para a gente falar assim: - “Não, esse time agora está jogando bonito”. E quando joga meio tempo bonito e bem, no outro jogo já não joga nada. Então, não tem sequência. Porque confiança se adquire com sequência de boas atuações, do conjunto e individualmente. Aí você passa a confiar. Isso não está acontecendo, e enquanto não acontecer eu até acho que, nesse momento, o treinador claro que ele tem culpa, só que ele é prejudicado no trabalho dele, porque algumas peças ali estão jogando abaixo do que se espera, então ele acaba sendo prejudicado. E outra coisa também que eu tenho a dizer é em relação a treinador. O treinador, no futebol brasileiro, eu não falo do resto do mundo, ele é muito valorizado. Não só financeiramente, como nos resultados. Então eu acho que o treinador não passa de 25%, a participação dele. Esses 25% é a participação que eu falei anteriormente: durante a semana e no meio tempo dentro do vestiário. Eu nunca vi, a coisa que mais me revolta, e agora até parou um pouco, na minha época eu vi muito mais disso, acabou o jogo: - “Qual foi o melhor em campo?” O treinador. O melhor em campo é o treinador pô [risos]. O que o treinador jogou? - “Não, porque ele armou um time...”. Que armou nada, ele fez um feijão com arroz. O cara que chegou lá e meteu o gol, o goleiro que defendeu tudo, não foi ele não. Aí dá o melhor em campo. Aí o time perde também, os caras perderam o gol. Não, o culpado é o treinador. Não é, cara, os culpados são os jogadores. Então, quando ganha, são os jogadores mesmo. A maioria dos méritos têm que ir para os jogadores. E quando perde, tem que ser os jogadores também. Os jogadores é que são os verdadeiros culpados. O treinador tem uma parcela mínima na vitória e na derrota, é mínima. Agora, se nós formos analisar o trabalho dele, você pode até chegar a essa conclusão: não, no dia-a-dia ele é fraquíssimo. O cara não sabe dar treino, não sabe ver o futebol, o que está acontecendo no campo, então ele é culpado. Nesse caso ele não é 25% não, ele é 80%. Escala mal. Mas então aqui se tem essa mania, o treinador começa a ganhar: - “Pô, esse treinador é fera!”. O cara já faz contrato, aí ele vai para um time, o time não ganha de ninguém. - “Pô, esse cara

Transcrição

desaprendeu”. Pô é o mesmo cara, ele está fazendo a mesma coisa, só que agora não está certo. Então, o treinador aqui, ele é valorizado demais. Em relação ao que ele ganha, eu acho que ele tem que ganhar cada vez mais, eu não estou preocupado com o que ele ganha não, isso é problema lá dos clubes, da onde vem a verba não me interessa, ele está recebendo, eu estou satisfeito por ele. Mas na hora das críticas, mandar o treinador embora, ou então falar que o treinador é o melhor em campo, isso não existe. Para mim, sem chance.

B. B. – Nelinho, em nome do Museu do Futebol e da Fundação Getúlio Vargas queremos te agradecer. Você nos encantou aqui com sua fluência, sua lucidez no futebol, e vai compor agora o acervo do Museu do Futebol para que todos que visitam possam conhecer a sua história contada com as suas palavras.

M. C. – Eu que agradeço, agradeço a presença de vocês aqui na minha casa, a oportunidade de fazer parte de um museu, para mim é super, hiper importante poder estar fazendo parte desse museu, e eu dou os parabéns para vocês e todos aqueles que tiveram essa iniciativa. Acho que isso é superimportante, e dizer que, quando vocês fizeram os primeiros contatos comigo para que eu fosse lá, houve uma dificuldade muito grande de ir, vai não vai... e eu falava com as minhas filhas, e tudo. Vocês tinham que ver a revolta delas e da minha mulher: - “Você é doido. É o Museu, você vai ter que ir lá, você tem que ir lá com o seu dinheiro, você tem que pagar a sua passagem, seu hotel [risos]. Você tem que pedir a eles pelo amor de Deus para você fazer parte do Museu [risos]. Parece que você está fazendo um favor para eles”. Eu falei assim: - “Não é isso não, cara, é que eu sou complicado”. Primeiro que eu sou complicado para sair da minha casa. Os meus amigos me convidam aqui para ir para o lado, aqui no sítio, eu não vou. Gosto de ficar na minha casa, com a minha família. Eu não gosto de viajar. Para ir naquele “Bem, amigos” lá é uma dificuldade. Eles tinham me convidado, até que minha mulher falou assim: -“Eles nunca mais vão te convidar. Você se valoriza demais, você dificulta demais” [risos]. Falei: - “Pô é que eu não gosto de ir!”. – “Mas você tem que ir, é bom para você aparecer”. – “Mas eu não quero aparecer não”. Aí ficava esse negócio. Então a briga aqui era tremenda. Quando eu falei para elas que vocês viriam aqui, aí comentaram: - “Ah, claro pô, você é difícil demais. Esse cara não vem, nós vamos lá!”. [risos]. Como quem diz: - “Agora eu quero ver você dizer que não vai dar entrevista!”. Eu digo: -“Não, agora está tranquilo, eles estão vindo aqui, na minha casa, aí é mole. Aí

Transcrição

toda hora eu dou entrevista”. Os caras, hoje, quando eles me chamam para entrevista, falam: - “Você pode dar uma entrevista?”. – “Perfeitamente”. “Ah, não sei o quê, eu digo: aonde?”. – “Lá na minha academia, vou lá todo o dia de manhã, ou então à tarde na minha casa”. Normalmente é assim, mas às vezes eles falam assim: - “A gente estava querendo fazer entrevista contigo no Mineirão”. Eu digo: - “Aí não dá não. Para eu ir lá no Mineirão não vou não”. Outra coisa que me revoltava também, um dia eu pedi um favor para a Globo. Isso aí já fora do contexto, vocês não vão ter condições de aproveitar isso lá eu acho. Mas é o seguinte: a academia fez um trabalho, que nós temos, de balé clássico, com as criancinhas lá. Nós fizemos um trabalho com essas criancinhas, em um mês, de ir nos hospitais, asilos, creches, no meio da favela, elas iam lá, e a gente fazia uma apresentação de balé clássico, tudo criancinha. Tudo rica, tudo de família rica. Iam lá, passavam no meio lá da fossa, de não sei o que, tudo iam lá, uma coisa bonita, e eu liguei para a Globo falei assim: - “Eu gostaria que vocês – e eu trabalhei lá, sou amigo deles todos lá – eu gostaria que vocês fizessem uma cobertura, mas não precisa citar nome da academia não, o intuito nosso não é esse. Eu queria que vocês fizessem essa cobertura para que incentive a outros segmentos a fazerem o mesmo, para dar um pouquinho de alegria para essas pessoas que estão lá, que estão nas enfermarias, essas coisas todas”. – “Não, pode deixar”. Eu falei a segunda vez... Eu sei que quando chegou a época, ninguém apareceu, ninguém deu satisfação. Um belo dia me ligam para que eu fosse lá no estúdio dar entrevista, digo: - “Eu não vou não”. Naquele dia eu estava atacado. Aí falei tudo. Falei: - “Rapaz, vocês só querem ver o lado de vocês. Eu fiz isso, isso e isso, vocês não estiveram nem aí para o negócio, não deram nem retorno, não deram nenhuma explicação. Vocês acham que eu vou sair daqui para dar entrevista onde vocês querem? Para ir em um estúdio aí, acordar cinco horas da manhã para ir no ‘Bom dia, Minas’? Eu vou aí, fico duas horas, e quando eu vou falar, o cara me faz uma pergunta ...” Eles fazem a pergunta e ficam assim, para você andar rápido, porra. Eu não posso falar nem um minuto, eu falo dez segundos [risos]. Porque é ao vivo, não é? Eles ficam assim, para tu acabar. E outra coisa, você dá entrevista – eu já dei milhares – eu dou entrevista, aí eu chego lá, estou com a minha camisa da Academia Wanda Bambirra. Academia Wanda Bambirra. Estou aqui, estou dando entrevista – eu faço de sacanagem, para ver – aí quando eu vou ver o coisa, eles põem só a minha cabeça, eles cortam isso aqui. Cortam a Academia Wanda Bambirra, para não fazer propaganda.

Transcrição

Quer dizer, os caras me usam para eu preencher o espaço deles lá, mas na visão deles, eles é que estão promovendo você. Você não está fazendo nada, eles é que estão sendo bons para você. Então, depois disso, eu falei na cara de pau, falei: - “Olha, se vocês quiserem entrevista minha, daqui para frente vai ter que ser aonde eu estiver. Se não for, eu não vou em lugar nenhum que vocês me chamarem, nenhum. Pode deixar isso escrito aí”. Mandei avisar, eles foram avisados, depois ligaram para mim, pediram desculpa, mas eu mantive. Disse: - “Não vou mais, não vou”. Eles ligam para mim: - “Vem na minha academia”. “Pô, mas na academia de novo?”. Eu digo: - “É. Você quer ir na minha casa, vai à tarde, lá eu te recebo. Mas não saio daqui” [risos]. E não dou. Os caras são chatos demais. A Globo, o esquema deles é esse. Eles acham que quando você trabalha lá- eu trabalhei lá três anos, aqui - e eles acham isso. Eles pagam pouco, porque eles acham que você, por ser da Globo, que você vai conseguir outras coisas. Realmente o ator até consegue. Apresentar baile de debutante, miss, não sei o quê, vão lá e ganham dinheiro. Vão para as festas de quinze anos. Mas eu não. O relacionamento meu com a imprensa aqui é isso, aí minhas filhas caem de pau. Falam que eu sou mascarado. Eu falo: - “Assim, minha filha, não é mascarado não. É porque eu já vi tanta coisa nessa vida, o que eles fazem, eu sei como é que eles agem mesmo, que eu me revolto”. E que bom que o cara pode se revoltar, que tem essa autonomia, essa liberdade para se revoltar. E isso eu trago não é de hoje. Eu, quando eu era jogador, era assim. Com treinador, com imprensa, com tudo. Teve um lance... Vocês estão com pressa? Que eu vou terminar, eu que tenho um compromisso. Vou contar só uma para vocês...

B. B. – A gente tem voo...

M. C. – Que dia? Que horas? Agora? Então vamos embora, cara, senão vou ficar aqui até amanhã [risos]. Que horas tem?

Voz masculina: Vou cortar?

B. B. – Pode cortar. A vontade é continuar.

M. C. – Que horas tem?

B. B. – São [inaudível 51:35]

M. C. – Está na hora. Eu tenho uma..., eu vou fazer uma conversa com aquele Ceará, Luiz Ceará. Ele vem aqui. Eu, Éder, mais um, nós vamos fazer uma conversa com o pessoal do Santander, do banco, aqui. O cara me fez uma proposta que ele fez para todo mundo, os outros dois que vão. Aí ele veio falou assim: - “Não, quero mais”.

Transcrição

Ele falou assim: -“Eu vou ver se consigo para você”. Ai conseguiu. Eu falei para ele: -
“Sabe por quê eu pedi mais? É porque só eu que vou falar lá, esses caras que vocês
estão levando eu conheço, eles não falam nada. O Éder fica calado o tempo todo [risos].
não fala” [risos]. Falei:- “Não, eu quero mais, sou eu que vou falar, eu que vou contar
história”.

B. B. –Ficam só na figuração.

M. C. – Tinha umas histórias que eu contava...

Voz masculina: Me parece que esse aqui é recarregável.

M. C. – Teve uma época aí que o Paulo César Caju...

[FINAL DO DEPOIMENTO]